



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS

MILENA CASTRO DA SILVA

A REPRESENTAÇÃO DA POBREZA E EXCLUSÃO SOCIAL NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA* DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Lago da Pedra - MA
2025

MILENA CASTRO DA SILVA

A REPRESENTAÇÃO DA POBREZA E EXCLUSÃO SOCIAL NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA* DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Monografia apresentada ao curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão para a obtenção de Licenciatura em Letras.

Orientador (a): Profa. Ma. Deyse G. Machado Brito

Lago da Pedra - MA
2025

S581r Silva, Milena Castro da.

A representação da pobreza e exclusão social na obra Quarto de despejo: Diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus / Milena Castro da Silva – Lago da Pedra-MA, 2025.

57 f: il.

Monografia (Graduação em Letras com Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa), Universidade Estadual do Maranhão-UEMA/ Campus Lago da Pedra, 2025.

Orientador: Prof^a.Ma. Deyse Gabriely Machado Brito

1.Pobreza 2. Exclusão Social 3. Fome 4. Autobiografia
5. Carolina Maria de Jesus

CDU:339.12: 920.91

Elaborada por Poliana de Oliveira Ferreira CRB/13-702 MA

MILENA CASTRO DA SILVA

A REPRESENTAÇÃO DA POBREZA E EXCLUSÃO SOCIAL NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA* DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras.
Professora orientadora: Ma. Deyse Gabriely Machado Brito

Aprovado em _____/_____/_____

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Ma. Deyse Gabriely Machado Brito Orientadora (UEMA)
ORIENTADORA

Prof^ª. Esp. Sabrina Monique Ribeiro Sousa (UEMA)
EXAMINADOR I

Prof^ª. Esp. Francisca de Sousa Vasconcelos (UEMA)
EXAMINADOR II

AGRADECIMENTOS

Inicio agradecendo primeiramente a Deus, por ter me dado forças durante todo o processo e por ter me permitido chegar até aqui. Por ter sido o meu alívio em todas as vezes que o desespero tomava conta do meu ser e a sua presença sempre me confortou.

Aos meus pais, Mauro e Maria, que mesmo com pouca escolaridade, me incentivaram a seguir meus estudos. Foram eles que na simplicidade da vida, me ensinaram que os estudos abrem portas. Em especial a minha mãe, Maria, a mulher mais forte que conheço, meu alicerce, toda a sua coragem e seu amor incondicional, foram combustíveis para que eu nunca deixasse de sonhar.

À minha irmã Mirlane, por acreditar em mim e nos meus sonhos, a quem sempre me incentivou nos meus estudos e me apoiou em cada passo.

Agradeço à minha querida amiga de todos os momentos, Letícia Ferreira, que me ajudou a dividir o fardo e a tornar mais leve a caminhada. Sua amizade foi abrigo nos dias difíceis e riso nos momentos de cansaço, obrigada por tanto amiga!

À minha orientadora Prof. Ma. Deyse Gabriely, a quem admiro profundamente, e foi incrível durante todo o processo deste trabalho. Sou imensamente grata por cada orientação, por sua dedicação e paciência, que foram fundamentais para mim.

Às minhas amigas que ganhei na graduação, Anita, Bárbara, Eduarda, Naalanda e Natália. Cada uma de vocês foi parte essencial dessa jornada, me lembrando que a caminhada é melhor quando feita em boa companhia.

Aos meus amigos Jeferson e Viviane, por serem incríveis e estarem sempre ao meu lado, me apoiando em todos os momentos. Sou muito grata pela amizade e companheirismo de vocês.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos, colegas e familiares que estiveram comigo nessa caminhada e contribuíram, de alguma forma, para que eu pudesse chegar até aqui.

*“E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava
contra a escravatura atual — a fome!”*

Carolina Maria de Jesus

RESUMO

O objeto de estudo dessa pesquisa é analisar a representação da pobreza e da exclusão social na obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, da escritora Carolina Maria de Jesus. A autora da obra, uma mulher negra, pobre e moradora da favela do Canindé, em São Paulo, narra em forma de diário o seu cotidiano nos anos de 1940, mostrando às vivências de uma população historicamente marginalizada. O estudo destaca a importância social e literária da obra, que está inserida no contexto da literatura marginal e do apagamento da autoria feminina negra na tradição literária brasileira. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa e bibliográfica. A análise aborda temas como o pacto autobiográfico, a memória individual e coletiva, além da linguagem usada por Carolina, que transforma sua experiência pessoal em uma denúncia social. A obra, além de ser literária, tem um forte caráter político ao mostrar as desigualdades estruturais que ainda existem na nossa sociedade. Dessa forma, ela se torna um testemunho atemporal, pois ainda mostra problemas sociais que persistem na nossa sociedade atual. A pesquisa apoiou-se em autores como, Regina Dalcastagnè (2012), Susana Castro (2019), Beatriz Sarlo (2007), Philippe Lejeune (2008), Maurice Halbwachs (1990), Jacques Le Goff (1990)

Palavras-chave: Pobreza; Exclusão social; Fome; Autobiografia; Carolina Maria de Jesus.

ABSTRACT

The object of this research is to analyze the representation of poverty and social exclusion in the work *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* by writer Carolina Maria de Jesus. The author, a Black woman living in poverty in the Canindé favela in São Paulo, narrates her daily life in diary form during the 1940s, revealing the experiences of a historically marginalized population. The study highlights the social and literary significance of the work, which is part of the context of marginal literature and the erasure of Black female authorship in Brazilian literary tradition. The research adopts a qualitative and bibliographic approach. The analysis addresses themes such as the autobiographical pact, individual and collective memory, as well as the language used by Carolina, which transforms her personal experience into a form of social denunciation. Beyond its literary nature, the work holds a strong political character by exposing the structural inequalities that still exist in our society. Thus, it becomes a timeless testimony, as it continues to reflect persistent social issues. This research is based on authors such as Regina Dalcastagnè (2012), Susana Castro (2019), Beatriz Sarlo (2007), Philippe Lejeune (2008), Maurice Halbwachs (1990), and Jacques Le Goff (1990).

Keywords: Poverty; Social exclusion; Hunger; Autobiography; Carolina Maria de Jesus.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Dimensões e impactos da fome em Quarto de despejo: Diário de uma favelada	43
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LITERATURA CONTEMPORÂNEA brasileira: um diálogo com a realidade MARGINALIZADA.....	14
2.1 Literatura Marginal: exclusão e racismo estrutural	16
2.2 Autoria feminina: apagamentos na literatura brasileira canônica	20
3 CAROLINA E O PAPEL DA MULHER NEGRA NA LITERATURA	23
3.1 Carolina Maria de Jesus: memórias de uma favelada	25
3.2 O pacto autobiográfico na literatura de Carolina.....	29
4 A POBREZA E A EXCLUSÃO SOCIAL NA OBRA QUARTO DE DESPEJO.....	33
4.1 A Representação da Fome e da Dignidade Humana em <i>Quarto de Despejo: diário de uma favelada</i>	36
4.2 A Linguagem e o estilo literário narrativo de Carolina Maria de Jesus.....	44
4.3 Impactos sociais da obra na sociedade contemporânea	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

A obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus, constitui uma narrativa a qual surge com a escrita cotidiana sobre sua rotina em seus cadernos, vindo a constituir uma espécie de diário. Os cadernos registram, sob uma escrita sensível, as disparidades de uma moradora da favela na década de 50. Carolina Maria de Jesus sendo uma mulher negra e pobre, tornou a sua escrita conhecida no ano de 1960, sendo vendido em mais de 40 países, chegando a ser traduzido em vários idiomas, tornando-se um best-seller.

Em um período na qual o Brasil passava por intensas mudanças sociais e urbanização acelerada, ela se revela e se destaca por meio de uma narrativa autobiográfica, mostrando a realidade da favela do Canindé, localizada em São Paulo. Seu diário descreve as dificuldades cotidianas para sobreviver em condições de extrema pobreza, enquanto evidencia a exclusão social vivida por muitos que foram marginalizados pelo processo de modernização das cidades brasileiras.

A escrita de Carolina, uma mulher negra e pobre, catadora de papel e moradora da favela em São Paulo, aborda aspectos sociais profundos, como a ausência de políticas públicas, a negligência do estado e de políticos, mostra também o racismo estrutural que marcam o cotidiano de milhões de brasileiros. Sua obra, construída a partir de seus diários, revela não apenas suas memórias individuais, mas também experiências coletivas vividas por tantos outros marginalizados, sendo, portanto, um testemunho poderoso e político. A relevância de sua produção literária está na capacidade de romper com os padrões elitistas da literatura canônica, ao trazer uma escrita profunda e legítima, retratando e denunciando as condições desumanas de miséria e fome às quais foram submetidos.

Assim, observa-se que a pobreza e exclusão social testemunhados por Carolina Maria de Jesus, constituem uma obra literária com fundo autobiográfico, já que representa sua vida na favela de Canindé, destacando as condições precárias enfrentadas pela população pobre. A sua narrativa veio expor um mundo que o centro urbano apaga e esquece, como a própria autora chamou, a parte esquecida e indesejada da casa. “...Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (Jesus, 2014, p. 32)

Carolina registrou, em suas anotações, as experiências cotidianas de fome, sofrimento e resistência, dando voz às vivências dos marginalizados e revelando uma cidade invisível para as elites paulistanas. Com sua narrativa minuciosa, registra cada evento e comportamento que atravessa o cotidiano da comunidade, expondo um ambiente marcado por conflitos e privações que ao decorrer de seus relatos, retrata de forma clara elementos que acompanham sua trajetória

como a violência física e verbal, abusos contra crianças, agressões no ambiente doméstico, além da prostituição e do alcoolismo como tentativas de fuga de uma realidade opressiva.

A pobreza e a exclusão social são temas marcantes e presentes em quase todos os trechos da sua obra, motivo a qual nos chama a atenção, com a intensidade de vezes que ela menciona a fome e a pobreza, o que despertou o interesse em realizar esse estudo e analisar essas questões na qual Carolina aborda na obra. Dessa forma, o presente trabalho partiu da necessidade de entender como o estudo sobre *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, pode contribuir para a compreensão crítica das desigualdades sociais no Brasil, especialmente no que diz respeito à pobreza, à exclusão e à invisibilidade das populações periféricas.

Assim, surge o título da pesquisa “A representação da pobreza e exclusão social na obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus”. Em sua escrita, Carolina alertava que a escravidão não havia acabado, apenas adotou uma nova forma, agora se manifestava através da fome. A fome não apenas a consumia fisicamente, mas também retirava a dignidade e a capacidade de resistência, tornando os marginalizados vulneráveis à exploração em trabalhos precarizados e condições desumanas.

Portanto, este trabalho tem como objetivo principal, analisar a representação da pobreza e da exclusão social na autobiografia de Carolina Maria de Jesus, na obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, considerando o contexto histórico do período em que foi escrita, na década de 1950, e a sua presença marcante até os dias atuais. Quanto aos objetivos específicos, tem-se: identificar os principais aspectos que levaram a essa representação que Carolina nos traz, como a fome, pobreza extrema e a desigualdade de gênero. E assim, analisar a linguagem e o estilo narrativo da autora presente na obra, considerado um romance autobiográfico, e por fim, refletir sobre o impacto da obra na sociedade brasileira no momento de sua publicação e na contemporaneidade, assim como sua relevância atual na discussão sobre a pobreza e a exclusão social.

Este estudo reflete sobre as desigualdades sociais presentes na obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, analisando como a escrita de Carolina Maria de Jesus expõe os problemas sociais enfrentados, especialmente a fome que percorrem até os dias atuais, sendo uma obra considerada atemporal. A autora faz da sua vivência individual, uma denúncia coletiva, utilizando a literatura como instrumento de resistência e conscientização sobre os efeitos dessa exclusão, trazendo questões sociais além da fome, apresenta questões sobre o racismo estrutural, o machismo e a desigualdade de acesso a direitos básicos, por isso a obra é assim, considerada atual.

Para a execução deste trabalho, utiliza-se uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Conforme indicado por Gil (2002), essa modalidade de pesquisa utiliza registros anteriores, em materiais já documentados, que auxiliam na compreensão de um tema ou problema. Esses registros de acordo com os autores incluem obras publicadas como livros, artigos científicos, dissertações e teses, físicas e encontradas on-line, sendo estas essenciais para fundamentar teoricamente o estudo.

Nesse sentido, toma-se como base documentos e registros que dialogam com a temática presente no livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* de Carolina Maria de Jesus, que abordem o retrato da fome e da exclusão social enfrentadas pela população da favela, além de materiais que abordam a literatura marginal, a autobiografia, a memória social, a autoria feminina negra e o racismo estrutural, que também são aspectos presentes na obra.

As obras utilizadas como base teórica foram essenciais para o aprofundamento dessa análise e assim tornar essa escrita possível, foram utilizados autores como, Regina Dalcastagnè, em *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012) e *Entre silêncios e estereótipos* (2008), que destaca a invisibilidade de vozes subalternizadas na literatura, como a de Carolina, mostrando as dificuldades dessas vozes em se fazerem presente na literatura. Susana Castro (2019), em *O compromisso feminista com a luta decolonial antirracista*, discute o racismo estrutural que perpassa a exclusão das mulheres negras na sociedade e no campo intelectual.

Como também, Beatriz Sarlo, em *Tempo passado* (2007), aborda o papel da memória e da experiência no testemunho, conceito essencial para a compreensão da narrativa de Carolina. Philippe Lejeune, com *O pacto autobiográfico* (2008), sustenta a legitimidade da obra como autobiografia e nos oferece as bases teóricas para entender a escrita da autora.

Enquanto Maurice Halbwachs em *A memória coletiva* (1990) propõe que a memória individual é construída em interação com o grupo social, sendo um modelo usado por Carolina para contar as histórias de outros moradores da favela. Jacques Le Goff com a obra *História e memória* (1990), traz o papel da memória na construção da história, destacando como o registro de vivências pessoais contribui para formar uma narrativa histórica alternativa.

Este estudo adota uma abordagem qualitativa para compreender e interpretar os diversos conceitos relacionados ao tema, integrando-os à pesquisa. Assim, segundo Lakatos (2017, p.3) “A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano.” Sendo essencial, para o estudo dessa pesquisa, especialmente porque por meio de sua escrita autobiográfica, apresenta camadas

complexas da realidade social de muitas favelas como a da qual Carolina morava e assim exige uma busca minuciosa para tratar desses assuntos.

A apresentação dos resultados desta pesquisa estrutura-se em quatro capítulos, incluindo este introdutório. Assim, o segundo capítulo discute a literatura contemporânea brasileira e o seu diálogo com as realidades marginalizadas. Nesse contexto, é abordado o surgimento da literatura marginal, os apagamentos da autoria feminina negra e a exclusão histórica de determinados grupos do campo literário canônico para assim contribuir para entender como a literatura começou a apresentar essas vozes periféricas no campo literário.

O terceiro capítulo volta-se para a escritora Carolina Maria de Jesus, destacando sua trajetória enquanto mulher negra, pobre e periférica, e o impacto de sua produção no cenário literário. Abordando o papel da memória individual e coletiva em sua narrativa. Além disso, também é abordado o pacto autobiográfico, que legitima a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* como uma autobiografia singular, marcada por autenticidade, denúncia e pertencimento social, revelando o poder da escrita da autora, enquanto mulher, negra e pobre.

Na sequência, o quarto capítulo se aprofunda na análise da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, evidenciando a representação da pobreza e da exclusão social presentes em seus relatos. Onde é reunidos trechos e falas da autora sobre a fome, a miséria, a falta de políticas públicas e o abandono das comunidades periféricas. Mostrando a sua insatisfação por residir em um lugar sem muita dignidade humana para sobreviver.

2 LITERATURA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA: UM DIÁLOGO COM A REALIDADE MARGINALIZADA

A literatura contemporânea, frequentemente vinculada ao pós-modernismo que se consolidou ao longo do século XX, reflete um período de profundas transformações que abrangem não apenas as formas literárias, mas também o conteúdo e as vozes representadas nas narrativas. Essas transformações acontecem a partir das mudanças sociais, culturais e políticas que ocorreram e continuam a ocorrer na sociedade, influenciando diretamente a maneira como os escritores abordam temas, constroem personagens e estruturam suas narrativas. Dessa forma, a literatura contemporânea permanece em constante evolução, acompanhando as dinâmicas sociais e refletindo as vivências do tempo presente.

Segundo Dalcastagnè (2012) “Desde os tempos em que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional até agora, quando diferentes grupos sociais procuram se apropriar de seus recursos, a literatura brasileira é um território contestado.” Se tornando um espaço onde diversas vozes buscam se fazer presentes na literatura. As vozes que antes eram marginalizadas, agora se tornam protagonistas, trazendo voz a questões de raça, gênero, sexualidade e classe. Essa diversidade traz abordagens mais amplas e de forma mais real com a experiência humana.

Os autores da era contemporânea apresentam um diálogo mais inclusivo e abrangente do que até então era escrito e visto na literatura brasileira. Este diálogo é evidenciado pela busca por representações de grupos que antes eram marginalizados e excluídos desse meio, trazendo a voz e experiências de mulheres, as vivências dos negros e as lutas dos demais grupos sociais na qual não tinham referências na literatura brasileira. E agora, a partir da literatura contemporânea, essas narrativas passam a ter mais valor e começam a se tornar referências.

Muitos autores contemporâneos adotam uma abordagem reflexiva em suas produções, questionando não apenas o que é contado, mas como se conta. Vemos a autora Carolina Maria de Jesus em sua obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, objeto deste estudo, na qual exemplifica essa abordagem ao relatar suas vivências na obra. Apresentando uma visão mais profunda ao relatar a sua vivência real, com sua escrita marcada pela urgência de quem não apenas conta uma história, mas grita por existência, é um retrato fiel de um Brasil que, muitas vezes, a literatura tradicional insistiu em ignorar.

Dalcastagnè (2012) ainda traz que é impossível falar de literatura contemporânea sem apresentar um conjunto de problemas. Dessa forma se torna um espaço de resistência e reivindicação, de lutas através das narrativas para buscar por representação. As obras se transformam nos reflexos da sociedade, buscando um meio de transformação e representação.

Assim, esse espaço proporciona aos grupos marginalizados e silenciados ao longo do tempo, a oportunidade de contar suas próprias histórias com uma maior representatividade no meio literário, um espaço que se tornou também uma maneira de atuar nas questões sociais, principalmente na inclusão dos grupos marginalizados.

Dessa forma, vão surgindo novos autores que rompem com a literatura tradicional marcada por muitas desigualdades ao longo da história e voltada principalmente a um público burguês. Essa ruptura proporciona um grande marco para que conheçamos a grande pluralidade de vozes que até então não foram ouvidas e estavam silenciadas à margem do campo literário na qual tem muito a crescer na literatura e enriquecer mais ainda, com as vastas produções daqueles que não tiveram a oportunidade.

São essas vozes, que se encontram nas margens do campo literário, cuja legitimidade para produzir literatura é permanentemente posta em questão. Essas vozes que tensionam, com a sua presença, nosso entendimento do que é (ou deve ser) o literário. É preciso aproveitar esse momento para refletir sobre nossos critérios de valoração, entender de onde eles vêm, por que se mantém de pé, a que e a quem servem... Afinal, o significado do texto literário – bem como da própria crítica que a ele fazemos – se estabelece num fluxo em que tradições são seguidas, quebradas ou reconquistadas, e as formas de interpretação e apropriação do que se fala permanecem em aberto. Ignorar essa abertura é reforçar o papel da literatura como mecanismo de distinção e hierarquização social, deixando de lado suas potencialidades como discurso desestabilizador e contraditório. (Dalcastagnè, 2012, p. 11)

Dalcastagnè ressalta que o significado da literatura, e da crítica literária, é dinâmico e está em constante construção. Que a literatura está sujeita a mudanças, principalmente a contemporânea, que vai passar a seguir uma forma diferente do padrão utilizado até então. E ignorar essa pluralidade de vozes é permanecer em um espaço de desigualdade, sem abrir espaço para o novo. É preciso então, refazer o conceito enraizado de que apenas, determinados grupos possuíam o poder da escrita e da representação, abrindo espaço para o novo.

A literatura contemporânea é vista como um grande palco que, depois de séculos de um elenco restrito, finalmente abre espaço para novas vozes, que antes ecoavam apenas nas margens, nos becos, nos barracos, nos cadernos escondidos. E que representa uma grande revolução até aqui, não só porque amplia os temas, os formatos e as linguagens, mas porque abala as certezas, desafia os donos do saber e nos faz repensar o que, afinal, significa literatura e a sua representação, como coloca Lemos:

A representação desse outro nas artes, portanto, é fundamental para conhecê-lo, principalmente quando este foi, por muito tempo, silenciado ou supostamente caricaturalmente representado ao longo da historiografia literária, como é o caso de grupos socialmente marginalizados. Que imagem sobre negros, pobres, prostitutas, homossexuais e mulheres foi construída historicamente nos textos literários? O que se costuma ler em narrativas que envolvem personagens que representam estes grupos? Que ações, posturas e experiências estão relacionadas a esses indivíduos na literatura? (Lemos, 2019, p. 170)

Lemos nos faz refletir como leitor, sobre as imagens que a literatura construiu ao longo do tempo sobre esses grupos sociais, sempre associados a estereótipos repletos de preconceitos. Há sempre aqueles que demonstram resistência, argumentando que esse tipo de produção não constitui uma literatura de verdade. Mas, o que incomoda, na real, é a quebra de uma estrutura criada por pessoas dominantes da elite. Por muito tempo, a literatura foi uma sala com poucas cadeiras, mas agora vemos que essa porta foi aberta e deu espaço a escritores de diversas realidades.

2.1 Literatura Marginal: exclusão e racismo estrutural

A literatura marginal está ligada às experiências dos indivíduos que vivem à margem da sociedade, com suas obras que apresentam uma escrita diferente dos cânones da literatura tradicional, adotando uma escrita própria. Essas obras, muitas vezes trazem críticas sociais ao retratarem a luta por direitos, como a falta de acesso a recursos e oportunidades, e as desigualdades presentes na sociedade.

A literatura marginal surge, então, como manifestação que se contrapõe, também, à estética literária dominante e elitizada e incorpora, em sua construção literária, elementos do coloquialismo, o falar do povo da periferia, temas referentes ao universo periférico e resgates históricos de classes socialmente desfavorecidas e, até, na nomenclatura, se denomina marginal pelo fato de ser representada por escritores e a temas à margem da sociedade. (Eble; Lamar, 2015, p. 205)

Agora, essas pessoas têm a oportunidade de falarem de si e das suas próprias histórias, falarem das suas lutas e representação. Pois até então, suas narrativas eram relatadas por pessoas que não tinham o lugar de fala e nem conheciam suas realidades, que por muito tempo foram deixadas às margens, em diversas áreas, e com a literatura não foi diferente, construíram uma visão estereotipada dessas classes que perpetuaram por um bom tempo.

E quem melhor para contar uma história do que o próprio ser que a vivenciou? Ao evidenciar suas próprias histórias, esses autores vão quebrando visões que foram impostas a eles, oferecendo uma compreensão mais profunda e real das suas experiências. Essa literatura proporciona principalmente aos negros, um lugar de fala. Nesse sentido, a literatura negra não é só arte, é um ato político. Ela desafia a supremacia branca que, como aponta Castro (2019):

O racismo estrutural é a normalização e legitimação da supremacia branca graças à conjunção de diversas forças comprometidas em perpetuar a desigualdade racial, tais como a narrativa eurocêntrica da história nacional, o currículo educacional eurocentrado, políticas capitalistas, meritocráticas, de governo e de economia. (Castro, 2019, p. 68)

A literatura marginal brasileira vem se mostrar como uma revolução, trazendo os escritos dos povos marginalizados, suas lutas e resistências diante de um contexto

preconceituoso. Para essa literatura ser compreendida, foi um processo que se desenvolveu ao longo dos anos, pois até então era como se não possuíssem valor, por estarem de outro lado da margem. Nesse sentido, é importante ressaltar como se deu início

O termo marginal, na literatura brasileira, aparece na década de 1970, com a Poesia Marginal ou a Geração do Mimeógrafo, representada pelos poetas Ana Cristina César, Cacaso, Paulo Leminiski, Francisco Alvim e Chacal, em sua maioria oriundos da cidade do Rio de Janeiro, de classes média e alta. No que se refere à definição desse termo na literatura, está ligada a escritores considerados à margem do circuito editorial, à subversão do poder acadêmico e linguístico e à representação das classes desfavorecidas. (Eble; Lamar, 2015, p. 194)

O seu conceito está ligado aos anos de chumbo, período que faz referência a ditadura militar entre os anos de 1964 a 1985. Durante esse período a literatura foi usada como uma forma de resistência contra a opressão política e as desigualdades sociais. Os autores eram conhecidos como a “geração mimeógrafo”, porque eles usavam o mimeógrafo para produzirem seus panfletos e divulgarem, sem a necessidade de editoras para publicá-las. Utilizavam da literatura marginal para se expressarem contra os acontecimentos desse período, abordando temas como a liberdade, opressão, desigualdades e a vida cotidiana, sem seguir uma norma padrão da literatura tradicional.

Assim, com o passar do tempo, lá pelos anos de 1990, o termo literatura marginal foi associado a novos escritores, que vinham diretamente das favelas, especialmente de São Paulo. Esses autores apresentavam as seguintes características em suas obras “A linguagem coloquial e as estruturas das letras de *rap* e gírias são características da linguagem das obras da literatura marginal dessa atual geração de escritores marginais/periféricos.” (Eble; Lamar, 2015). Essa transição aconteceu em um momento em que as vozes marginalizadas cresceram dentro das favelas, essas vozes buscavam um lugar no cenário da literatura brasileira.

Com o passar dos anos até os dias atuais, a literatura marginal continua ligada a produções de quem tem suas origens nas favelas e comunidades, mas com um público que abrange não somente as favelas, mas circula em meio a sociedade. Nesse cenário, a música se torna uma importante forma de expressão, trazendo as narrativas dos acontecimentos sociais e as realidades vivenciadas pela população, vindas em forma de música, vistas nos rap e hip hop, sendo um meio de retratarem a realidade social.

A literatura brasileira que antes era dominada por uma realidade distante das favelas e dos meios marginalizados, agora passar a incluir essas novas realidades no meio literário em busca não só de reconhecimento, mas também de melhorias para essa população, de forma que as pessoas se conscientizem e que o governo possa dar suporte a essas reivindicações. O rap

nesse contexto, era muito utilizado por eles como forma de reivindicação e protesto, e assim se propagou muito entre as favelas e logo foi associado a literatura marginal.

E quando se fala nesse termo “marginal”, algumas pessoas associam logo a uma literatura de baixa qualidade, sem saber o seu real significado e sua importância na literatura. As obras que foram associadas a esse termo, causaram estranhamento, porque rompia com um modelo já criado e idealizado pela população. As produções literárias dessas classes mais baixas, por muitas vezes receberam críticas e não eram consideradas como literatura pelo simples fato de não corresponder com os padrões estéticos das camadas mais altas. Tiveram que lidar com essa visão preconceituosa, desconsiderando a literatura marginal, como se não possuísem qualidade e valor, por estarem de outro lado da margem.

Essa situação, ressoa ainda nos dias atuais, se manifestando nas disparidades de oportunidades e nas narrativas que desconsideram ou diminuem as contribuições dos negros ao longo da história e na sociedade. E se formos olhar os acervos de obras escritas por pessoas negras, é uma pequena quantidade comparada à de pessoas brancas, quase não fazem parte da literatura brasileira, de certa forma, isso representa essa exclusão e o racismo estrutural. Essa desigualdade não é só por questões de livros produzidos e publicados, mas mostra um contexto de racismo que ao decorrer do tempo, foram marginalizados e impedidos de participar de diversos espaços sociais, incluindo a literatura.

Por isso, a importância de trazer essas vozes para a nossa literatura com o intuito de mostrar uma história que até então não tínhamos conhecimento de como era de fato. Trazer essa representatividade racial na literatura brasileira é quebrar com o tradicionalismo e dar voz a escassez dos negros, como bem observa Dalcastagnè:

Se alguém diz que os negros estão ausentes do romance brasileiro contemporâneo, outra pessoa pode enumerar dezenas de exemplos que contradizem a afirmação. Mas verificar que 80% das personagens são brancas mostra um viés que, no mínimo, merece investigação. (Dalcastagnè, 2005, p. 88).

Não é negar que não existam obras sobre os negros, mas os números são poucos e é uma realidade que não tem como apagar e esconder. E sem contar, de como a comunidade negra são representadas em muitas histórias, através de estereótipos e em posições marginalizadas, é na maioria das vezes como o vilão, a mulher negra é a empregada e muitas vezes é vista apenas como objeto de prazer.

Na literatura, como nas telenovelas, na publicidade, no jornalismo, em suma, nas outras representações de nossa realidade (ainda que não necessariamente nela própria), a divisão de classes, raças e gênero é muito bem marcada: pobres e negros nas favelas e nos presídios, homens brancos de classe média e intelectuais nos espaços públicos, mulheres dentro de casa, negras na cozinha... Nas narrativas, os contatos entre os diferentes estratos são, em geral, episódicos. Quando aparecem, quase sempre, estão marcados pela violência – mas, aí, costuma-se privilegiar a violência

aberta com que, por vezes, expressam-se integrantes das classes subalternas, em detrimento da violência silenciosa, estrutural, que é exercida sobre os dominados. (Dalgastagnè, 2012, p. 55)

Essa representação reflete a força da hierarquia criada ao longo dos anos e como isso evidencia uma narrativa com preconceitos, na qual limita a representação da comunidade negra na sociedade. Pensar em como a literatura lida com essas questões de raça e gênero é assumir um passo importante para a desconstrução desse contexto de preconceitos e assim contribuir para a pluralidade de vozes que só enriquecem a literatura.

Dessa maneira, a literatura pode atuar como uma forma de mudança social e de conscientização, que por meio dos temas abordados, trazem a realidade do contexto em que essas pessoas estão inseridas, mostrando o descaso e a falta de estrutura que encontram para sobreviver. Essa forma de trazer essas questões para a literatura, dão vozes as comunidades periféricas e denunciam as condições sociais que essas populações enfrentam.

Até então, não havia uma literatura escrita por moradores e trabalhadores da periferia, a não ser a da escritora Carolina de Jesus, que cursou até o segundo ano do primário, era pobre, negra, catadora de papel e moradora de favela, e publicou *Quarto de despejo*, sendo a primeira expoente da literatura dos excluídos socialmente. Isso significa que havia um fazer literário dominante, institucionalizado e excludente. (Eble; Lamar, 2015, p. 201)

Foi assim que Carolina Maria de Jesus usou da sua escrita como uma forma de denúncia contra as desigualdades sociais que ela vivenciava no seu dia a dia residindo na favela. Em sua autobiografia na obra *Quarto de Despejo: Diário de Uma Favelada*, ela retrata o seu cotidiano e as péssimas qualidades de vida, enfrentadas não só por ela, mas por toda a comunidade que morava na favela, a sua escrita foi um ato de socorro.

Se fez resistente em meio a uma literatura tradicionalmente branca, trazendo a importância desses autores negros e periféricos para a literatura brasileira que por muito tempo teve uma cor só a representar. Como bem disse Dalcastagnè (2005, p. 89) por mais que outros possam se solidarizar, entender de fora nunca é o mesmo que sentir na pele e que cada pessoa enxerga o mundo através de uma realidade. E se essas vozes não se manifestassem, não teria como saber das suas verdadeiras histórias.

A estética do choque do real, característica do novo realismo, é um caminho para se chegar ao belo porque nos permite olhar de frente essa realidade, uma vez que é por meio do choque que a narrativa – na medida em que propicia uma aproximação das experiências e vivências narradas – desloca o leitor de uma postura contemplativa e confortável para uma postura mais incômoda, porém (ou por isso) mais humana e empática. (Lemos, 2019, p. 187)

A presença dessas vozes se torna mais que necessária, pois por muito tempo essa diversidade estava esquecida as margens da literatura. Essa resistência abriu espaços e rompeu com os padrões estruturados ao longo de séculos, mostrando que a beleza literária não se mede

por regras elitistas, mas pela verdade de cada narrativa e assim dar visibilidade ao que antes era invisível.

2.2 Autoria feminina: apagamentos na literatura brasileira canônica

A luta das mulheres por um espaço na sociedade, vem sendo discutida a muito tempo, e a luta se torna ainda mais difícil para mulheres negras, pois grande parte do meio social tem um estereótipo da mulher negra como doméstica, a sexualidade, e tantas outras características de desprezos e preconceito. Nesse contexto, o feminismo tem se mostrado um importante aliado nas lutas das mulheres ao debater as questões de exclusão e preconceitos enfrentados por elas, como relata Gonzalez:

É inegável que o feminismo, como teoria e prática, desempenhou um papel fundamental em nossas lutas e conquistas, na medida em que, ao apresentar novas questões, não apenas estimulou a formação de grupos e redes, mas também desenvolveu a busca por uma nova maneira de ser mulher. (Gonzalez, 2020, p. 127)

O feminismo então, é uma forma das mulheres reivindicar os seus direitos, abrindo portas e mostrando as outras, que elas são capazes de lutar e conquistarem os seus direitos, é uma maneira de se desprenderem de um passado opressor, na qual a mulher não falava por si, vivia submissa. Dessa forma, a união dessas mulheres e criação dessas comunidades possibilitou mostrarem a outras mulheres, uma nova forma de viver a vida, que vai além de uma cozinha, e cuidar de marido, podendo se tornar a própria protagonista da sua história.

Ao discutir a diversidade de vozes, depois de um período na qual a literatura era voltada principalmente para homens brancos e da burguesia, esse novo, traz muitas mulheres para o espaço literário. Em um período em que as mulheres eram silenciadas e limitadas a um estereótipo enraizado há muitos anos, consideradas pela sociedade machista incapazes de ter pensamentos e criações inovadoras, esse fardo se tornava ainda mais difícil para as mulheres negras, um problema que ainda perpetuam nos dias atuais. Diante desse contexto, é importante ressaltar que:

O racismo estrutural é a normalização e legitimação da supremacia branca graças à conjunção de diversas forças comprometidas em perpetuar a desigualdade racial, tais como a narrativa eurocêntrica da história nacional, o currículo educacional eurocentrado, políticas capitalistas, meritocráticas, de governo e de economia. (Castro, 2019, p. 68)

A inclusão de mulheres, especialmente mulheres negras, na literatura contemporânea representa uma resistência contra séculos de marginalização e apagamento. Hoje contemplamos a escrita de muitas mulheres que lutaram por um espaço em meio ao preconceito. Escritoras como Carolina Maria de Jesus, com sua escrita autobiográfica na qual denunciava as péssimas

condições de vida vivenciada pelos favelados, e também Conceição Evaristo, uma escritora negra que aborda em suas obras questões como racismo, machismo, desigualdade social, violência e a luta por dignidade. Essas e outras vozes representa um avanço significativo na literatura brasileira.

A falta de reconhecimento e a marginalização das escritoras refletem um sistema maior de opressão que, assim como em outros campos, perpetua a influência masculina. Não é de hoje que a literatura carrega a marca de uma influência masculina predominante, ocupando um espaço amplo voltado apenas a uma visão de mundo, que no caso é a das pessoas brancas e da burguesia, sem mostrar as outras realidades. O apagamento da autoria feminina é uma crítica aos padrões estabelecidos que definem o que é considerado literatura "canônica", frequentemente em uma perspectiva eurocêntrica ou centrada em autores masculinos. Essa situação exige uma reavaliação e um esforço consciente para reconhecer e incluir as vozes femininas nas narrativas literárias.

A ideologia da supremacia masculina encoraja as mulheres a acreditarem que não têm qualquer valor e que só obterão valor ao relacionarem-se com os homens ou ao unirem-se a estes. Ensinam-nos que a nossa relação umas com as outras desvaloriza a nossa experiência, em vez de a enriquecer. Ensinam-nos que as mulheres são inimigas "por natureza", que nunca existirá solidariedade entre nós, pois não conseguimos, não devemos unir-nos umas às outras, nem o fazemos. (Hooks, 2019, p. 34)

Bell Hooks destaca essa influência da ideologia da supremacia masculina na visão que construíram em relação ao valor das mulheres, evidenciando como essa ideologia revela a opressão e a marginalização das vozes femininas na literatura. Desvalorizando o potencial das mulheres, como se elas não tivessem capacidade para atuar em sociedade sem estarem relacionadas com homens, e enquanto isso, as experiências das mulheres são deixadas de lado como se não fossem dignas de ocupar o centro da narrativa.

As mulheres travam uma luta constante para se tornarem visíveis na sociedade que ainda se encontra enraizadas a muitas das ideologias machistas, diante disso, incluir as vozes femininas na literatura não é só um gesto de reparação histórica, é uma revolução necessária. Afinal, como falar de humanidade se metade dela continua sendo silenciada? O mundo não é uma história contada por um único narrador, e cada novo ponto de vista amplia a trama, adiciona camadas e desafia verdades antes incontestáveis. Trazer essas perspectivas, é tornar a literatura mais honesta, mais plural e, acima de tudo, mais viva.

O conceito de *infans* é constituído a partir da análise da formação psíquica da criança, que, quando falada por adultos na terceira pessoa, é, consequentemente, excluída, ignorada, ausente, apesar de sua presença. Esse discurso é então reproduzido e ela fala de si mesma na terceira pessoa (até o momento em que aprende a mudar pronomes pessoais). Do mesmo modo, nós, mulheres e não brancas, somos convocadas, definidas e classificadas por um *sistema ideológico de dominação* que nos infantiliza. Ao nos impor um lugar inferior dentro de sua hierarquia (sustentado por nossas

condições biológicas de sexo e raça), suprime nossa humanidade precisamente porque nos nega o direito de ser sujeitos não apenas de nosso próprio discurso, mas de nossa própria história. Não será necessário dizer que, com todas essas características, estamos nos referindo ao *sistema patriarcal-racista*. (Gonzalez, 2020, p. 128)

Esse contexto apresenta a persistência da opressão racial e de gênero, mesmo tendo o seu contexto no período colonial, isso mostra que apesar da evolução social e de uma construção da democracia ao longo dos anos, essas desigualdades estruturais ainda se tornam evidentes e continuam a influenciar as relações sociais. Por isso, não basta considerar a opressão. É preciso entendê-la na sua totalidade, enxergar suas camadas e ouvir quem sempre foi deixado de fora.

A invisibilidade imposta a essas mulheres, impossibilita que ocupem espaços como a literatura, a política, a ciência ou a arte, deixando-as à mercê de uma sombra projetada por um sistema que se alimenta da exclusão. É uma luta que ainda se faz muito presente para as mulheres, especialmente para as mulheres negras, que precisam constantemente provar que pertencem, que suas vozes importam e que suas histórias merecem ser contadas com respeito e dignidade.

3 CAROLINA E O PAPEL DA MULHER NEGRA NA LITERATURA

Carolina Maria de Jesus entra na história da literatura brasileira em 1960, com a sua obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*. O livro é um relato autobiográfico das suas vivências na favela, os relatos de como ela sobrevivia a fome e a pobreza extrema diariamente. O livro se tornou um best-seller e ocupou um lugar muito importante na literatura brasileira, especialmente para a comunidade negra e mulheres, na qual Carolina estava representando em meio a uma sociedade preconceituosa e machistas. Desse modo, sua obra é marcada por resistência, por suas memórias e sua autoria.

A obra apresenta uma perspectiva de uma autora negra, pobre, semianalfabeta e mãe solo de três filhos, cuja trajetória e vivência se distanciam do perfil tradicional associado ao universo literário. Em um cenário tradicionalmente dominado por perspectivas elitistas, sua obra rompe com essas barreiras ao trazer para o centro da discussão as experiências e sofrimentos dos grupos esquecidos e oprimidos e assim se torna um marco da literatura brasileira ao dar voz às classes populares, especialmente às mulheres negras e pobres. Segundo Regina Dalcastagnè

Entre os anos de 2006 e 2011, foram premiados 29 autores homens e apenas uma mulher (na categoria estreante, do Prêmio São Paulo de Literatura). Outra pesquisa, mais extensa, coordenada por mim na Universidade de Brasília, mostra que de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico (Dalcastagnè, 2012, p. 14).

Podemos ver o peso das desigualdades em relação as mulheres na literatura, não tão distantes do período em que Carolina vivenciava. Quando lançado, o livro logo causou um estranhamento na população, pois não estavam acostumadas com tal literatura, vindo de uma mulher preta e pobre, sendo considerada como uma literatura marginal. Logo vemos uma questão de racismo, rotulando a capacidade de alguém pela cor da pele. Ainda se é muito pouco valorizadas as obras de grandes mulheres por conta desse racismo estruturado que ainda se torna presente em nosso meio. Os anos podem até ter passado, mas as desigualdades ainda continuam presentes.

Em um período de intensas mudanças sociais e urbanização acelerada no Brasil, Carolina se revela e se destaca por meio de uma narrativa autobiográfica, mostrando a dura realidade da favela do Canindé, localizada em São Paulo. Seu diário descreve as dificuldades cotidianas para sobreviver em condições de extrema pobreza, enquanto evidencia a exclusão social vivida por muitos que foram marginalizados pelo processo de modernização das cidades

brasileiras. Ela como mulher, negra e pobre se deixou ser vista pela sociedade brasileira, mostrando sua vida, como ela sofria, não só pelo fato de ser pobre e morar na favela, mas também ainda carregava o peso de ser uma mulher, surgindo em um meio que a mulher não era protagonista e nem tinha o direito de contar a sua história.

As mulheres têm sido deixadas de fora da história não por causa das conspirações maldosas dos homens em geral ou dos historiadores homens em particular, mas porque temos considerado a história somente em termos centrados no homem. Temos perdido as mulheres e suas atividades porque lhes temos colocado questões históricas inapropriadas às mulheres. Para retificar isto, e para iluminar áreas de escuridão histórica, devemos, por algum tempo, focalizarmo-nos numa indagação centrada na mulher, considerando a possibilidade da existência de uma cultura feminina inserida na cultura geral partilhada por homens e mulheres. A história deve incluir um relato de experiência feminina através do tempo e deveria incluir o desenvolvimento da consciência feminista como aspecto essencial do passado das mulheres. Esta é a tarefa fundamental da história das mulheres. A questão central que ela levanta é: como seria a história se vista através dos olhos das mulheres e ordenada pelos valores que elas definem? (Showalter, 1994, p. 45).

A autora acima fala da necessidade de se fazer uma história também centrada na visão e experiência feminina na história, uma que elas possam narrar seus fatos e pensamentos, não uma história feminina contado por um outro lado masculino. Carolina emprega essa experiência feminina ao registrar o seu cotidiano, uma mulher negra, pobre, mãe solo e favelada em sua obra, dar voz as vozes femininas que por muitas vezes foram silenciadas diante da literatura e também do meio social. Reivindicando também os seus direitos como mulher, por um espaço na literatura, que até então a mulher não tinha vez e nem espaço.

Carolina veio de uma realidade social bem difícil, marcada pela pobreza e exclusão o pouco que aprendeu, colocou em seu diário, as suas histórias e vivências diárias. A sua obra traz nos seus escritos uma vivência individual, contando a maneira como ela via em relação ao seu ponto de vista, mas que logo é projetada como símbolo coletivo, tornando um olhar de todos que vivenciaram a mesma situação. Principalmente por se inserir também no contexto de mulheres negras, que há muito tempo lutaram por um lugar na história e na literatura, que era um campo negado as mulheres e comunidades negras.

A vida de Carolina Maria de Jesus é descrita em forma de diário por ela própria, essa forma que Carolina passa ao leitor estabelece um pacto de verdade que corresponde ao teórico francês Philippe Lejeune, que define como pacto autobiográfico. Esse pacto define a veracidade da obra, definindo o “eu” que escreveu é o mesmo “eu” que vivenciou os fatos narrados. E esse pacto é presente na obra, o que torna ainda mais importante para a literatura brasileira e no espaço feminino também, dando legitimidade e força para se fazer presente e conhecida mundialmente na literatura tão escassas de vozes de mulheres.

A partir desses aspectos, os próximos pontos tratarão desses conceitos mais aprofundados, considerando como a escrita de Carolina Maria de Jesus se atrela ao conceito de memória individual e social e como está relacionada ao pacto autobiográfico. Assim, evidencia-se como esses aspectos mostram como sua escrita apresenta uma rica relevância para a literatura brasileira e especialmente para uma literatura feita por mulher negra. Carolina, uma mulher negra, pobre e relegada às margens da sociedade, transformou sua experiência em uma obra singular, capaz de dar voz à dura exclusão social que enfrentava através do seu diário.

3.1 Carolina Maria de Jesus: memórias de uma favelada

Quando falamos de Carolina Maria de Jesus e suas obras, especialmente *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, na qual trazem as suas histórias e memórias individuais ao decorrer da obra, por mais que reflitam suas vivências pessoais, refletem também nas vivências e memórias coletivas de outras pessoas do meio em que ela estava inserida. Nessa perspectiva, evidencia-se como os seus relatos de sobrevivência e luta contra a pobreza, do seu ponto de vista, está ligado a memória coletiva da sua comunidade, o que está diretamente relacionado com o conceito postulado pelo historiador Jacques Le Goff:

Tal como as relações entre memória e história, também as relações entre passado e presente não devem levar à confusão e ao ceticismo. Sabemos agora que o passado depende parcialmente do presente. Toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não é só inevitável, como legítimo. Pois que a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente. (Le Goff, 199, p.41)

Como o autor destaca, nota-se que o estudo pelo viés da corrente historiográfica não se isola como um fato passageiro dado por encerrado. Nessa lógica, vê-se então que a sucessão de eventos que compõe o tecido estrutural social, decorre de episódios corriqueiros ainda em construção, os quais são resultados diretos do que houve no passado, assim, a história do passado continua presente, tornando-se contemporânea e, até mesmo, um objeto de reflexão sobre o futuro. Ao trazer essa perspectiva, podemos compreender que a narrativa de Carolina faz parte de um contexto histórico que não se encerrou naquela época, mas que continua se fazendo presente até os dias atuais, essa relação de memória e história continua sendo contada e lembrada por outras pessoas que vivem o mesmo contexto nos dias atuais.

Assim, com os seus relatos e experiências contados em sua obra, Carolina Maria de Jesus não é esquecida, e, muito menos fica no passado, mas se torna um diálogo vivo e presente, fazendo essa ponte com o passado e presente, se tornando uma memória coletiva, oferecendo assim, uma compreensão mais real da condição humana. Por isso, a partir da importância de reconhecer a narrativa da autora, por meio da sua memória coletiva, vemos como os seus relatos

de sobrevivência foram importantes para discutir as questões sociais que permeiam realidade individuais e coletivas, assim como a relação entre o nosso passado e nossa atualidade.

Contribui com essa perspectiva, também, os estudos de Halbwachs (1990) em seu livro *A memória coletiva*. Na obra, o autor traz o conceito de memória individual e coletiva, argumentando que a memória de um indivíduo nunca anda sozinha, está sempre atrelada às experiências e vivências dos acontecimentos sociais. Segundo ele, as memórias dos indivíduos são na verdade memórias sociais, no sentido de que a recordação de uma pessoa nunca está isolada e sempre está conectada à experiência de outras pessoas e eventos sociais.

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. 'E porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (Halbwachs, 1990, p. 16)

A memória individual diz respeito às recordações íntimas de experiências passadas, enquanto a memória coletiva é entendida como o conjunto de lembranças e significados que são partilhados por uma determinada comunidade. Nesse sentido, as lembranças pessoais são, na maioria das vezes, moldadas e influenciadas pelo ambiente social onde os indivíduos estão inseridos. Assim, esses elementos como a linguagem, os valores, as tradições que são vivenciadas em comunidades, contribuem para a formação das memórias individuais, que também refletem na memória coletiva.

Já a memória coletiva se forma por meio das interações dentro de grupos, como comunidades, famílias e o lugar onde a pessoa está inserida, sendo responsável pela transmissão de valores, normas e tradições entre seus membros. A troca dessas experiências e perspectivas dentro desses grupos, faz com que a memória social seja compreendida naquele meio onde essas pessoas compartilham das mesmas situações e assim, partilham dessa memória coletiva juntos. Essa construção em conjunto, torna essas comunidades pertencentes de uma mesma história e criando laços entre si, preservando essas memórias de forma conjunta que não servem apenas de lembranças, mas também como um manual para o futuro, de acordo com as vivências passadas.

A essas memórias que vivenciamos, por mais que sejam só nossas, de alguma forma fazem parte de um conjunto social. É como se o que a lembrança, embora possa parecer singular, e, de alguma forma o seja realmente, já que há detalhes que são mais significativos para um único indivíduo, essas não acontecem de forma isolada, fazendo parte de um itinerário com escopo mais abrangente, ou seja, há um todo partilhado, mesmo que as perspectivas tenham pontos de vistas diferentes. Um exemplo que podemos observar são casos de pessoas que nunca

se conheceram, mas que já tenham passado por a mesma situação, desse ponto de vista vemos que as memórias únicas de uma pessoa se tornam sociais e coletivas.

Se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que, aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social. (Halbwachs, 1990, p. 34)

Essa ideia está sempre partindo das relações sociais com interações humanas que podem ser influenciadas pelos fatores históricos, sociais e políticos. Assim, nos traz a compreensão que a memória coletiva não são apenas lembranças, mas a diversidade de experiências individuais de um grupo, na qual cada indivíduo compartilha de maneira singular, suas vivências. Dessa forma, os indivíduos podem acessar e interpretar a memória coletiva de várias formas, com base nas vivências pessoais de cada indivíduo, essa pluralidade é reflexo das interações sociais, que é um ponto principal para isso acontecer.

As memórias de Carolina Maria de Jesus escritas em seus diários fazem parte de um todo, especialmente da comunidade em que ela residia. Suas memórias pessoais, eram também daquelas pessoas que enfrentavam a vida dura de residir em um lugar esquecido as margens da sociedade. A interação de Carolina, ali naquele meio, influenciou-a na criação da sua memória e assim se tonando coletiva, onde suas lutas pessoais eram também as lutas de outras pessoas, reforçando o conceito de que nossas memórias estão sempre ligadas a outras pessoas e nunca são únicas.

Se essas duas memórias se penetram frequentemente; em particular se a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente a sua substância./A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis. e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (Halbwachs, 1990, p. 36)

Podemos ver que a relação entre memória individual e memória coletiva se complementam, mesmo que haja essa combinação entre elas, cada uma possui características próprias e formas diferentes de se manifestar. Quando alguém recorda um acontecimento ligado a um grupo, essa conexão pode enriquecer o significado e o contexto de suas experiências.

Dessa forma, as memórias coletivas funcionam como um suporte para fortalecer e dar sentido às lembranças individuais.

Nós, seres humanos, somos influenciados o tempo todo pelo meio social, sabemos que a influência do mundo que nos cerca é inegável naquilo que nos tornamos. As lembranças que guardamos estão na maioria das vezes atreladas a diversas coisas e vivências, seja em um cheiro, uma música ou um gosto específico de uma comida. Ao nos depararmos com essas percepções, somos levados através das nossas memórias a situações já vividas, que através desses estímulos sensoriais nos faz reviver momentos, que permanecem em nossa memória. Esses momentos são exclusivamente nossos, mas que foram formados partir de um meio social.

Seria o caso, então, de distinguir duas memórias, que chamaríamos, se o quisermos, a uma interior ou interna, a outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso. (Halbwachs, 1990, p. 37)

Halbwachs ainda traz um outro nome para a memória individual, chamando-a “memória autobiográfica”, que é aquela que cada indivíduo vivencia, envolvendo todos os sentimentos e visão daquela pessoa a respeito do que ela relata. E a “memória histórica” como ele também a chama, faz partes das narrativas construídas ao longo do tempo, através dos grupos sociais. Essas duas memórias fazem parte da construção da nossa identidade, estão uma entrelaçada a outra, mas que a memória interior é muito mais cheia de detalhes, pois é experimentada e vivenciada por nós.

Assim também é a obra de Carolina Maria de Jesus *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*, na qual tem muito da sua “memória autobiográfica” de forma única e detalhada, mostrando a sua visão em relação ao que ela presenciava e acima de tudo vivenciava. É um exemplo marcante e atemporal, mostrando como sua obra se entrelaça com a realidade social e história e que ainda se faz presente em nosso meio atual. Vemos então que a sua escrita e suas memórias não mostra apenas a sua vida, mas de toda aquela comunidade que enfrentavam a dura realidade da pobreza e exclusão social. Como bem fala santo Agostinho

Nos palácios da memória, estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie... Ali repousa tudo o que a ela foi entregue, que o esquecimento ainda não absorveu nem sepultou... Aí estão presentes o céu, a terra e o mar, com todos os pormenores que neles pude perceber pelos sentidos, exceto os que esqueci. É lá que me encontro a mim mesmo, e recorro das ações que fiz, o seu tempo, lugar, e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos que recorro, aprendidos pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem (Agostinho, 2001, p. 98).

Santo Agostinho nos traz uma reflexão profunda sobre nossas memórias, que não é só um simples registro de fatos, mas é toda nossa história já vivenciada, onde podemos revisitar a qualquer momento. Na qual é um lugar grandioso e rico em detalhes, foi dessa forma que as memórias de Carolina se tornaram tão profundas, pela riqueza de detalhes e clareza em suas obras. Sua escrita, assim como os "palácios da memória" de Santo Agostinho, se preservou e continuam a compartilhar ainda suas memórias, que não foram esquecidas, mas que através de suas memórias se tornaram um testemunho histórico e social.

É uma obra muito importante e considerada memorialística na literatura brasileira e conhecida mundialmente, por se tratar não apenas da sua experiência pessoal, mas de um contexto social mais amplo, das pessoas e as condições sociais da época. Mostrando a relevância da sua escrita, com as memórias e experiências de muitas pessoas que enfrentam situações parecidas. Com as referências de Halbwachs sobre a memória pessoal e individual, vemos na prática a obra de Carolina Maria de Jesus explicando essa compreensão, pois através da sua memória autobiográfica observamos essas relações, a partir das memórias reais da autora.

3.2 O pacto autobiográfico na literatura de Carolina

O conceito de pacto autobiográfico foi criado pelo crítico literário francês Philippe Lejeune em seu trabalho *Le Pacte Autobiographique* publicado em 1975. Esse pacto estabelece um contrato não explícito entre o escritor e o leitor no qual a narrativa é apresentada como a verdade do escritor. O pacto se forma através da interação entre o autor, narrador e protagonista. Desse modo, os três devem se identificar para que a obra seja lida como autobiográfica. De outra forma, podemos entender o pacto autobiográfico como um contrato da verdade do autor para o leitor, que narrando a sua história está reafirmando a sua verdade, mesmo que seja contada através das memórias.

Assim, a autobiografia não é definida apenas pelo conteúdo relacionado a vida do autor, mas também pelo ato de escrever a verdade da própria história, se mostrando fiel ao leitor. É dessa forma que a autobiografia se faz diferente de outros gêneros parecidos, como a ficção autobiográfica que vai narrar as experiências pessoais de uma pessoa, porém vai utilizar de elementos ficcionais para isso, não utilizando da verdade absoluta do autor.

Diante disso, a autobiografia é um gênero literário que é caracterizado pela narrativa de uma pessoa, no caso, o autor fala da sua própria história de vida, ele se torna o protagonista da sua história. Essa forma de escrita permite que o leitor tenha uma relação mais íntima com o autor, por se tratar de experiências reais de quem escreve. E foi através da autobiografia que

Carolina Maria de Jesus entrou na história da literatura brasileira, com os seus relatos de vida presentes na obra *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*.

A autobiografia – narrativa que conta a vida do autor – pressupõe que haja identidade de nome entre o autor – cujo nome está estampado na capa –, o narrador e a pessoa de quem se fala. Esse é um critério muito simples, que define, além da autobiografia, todos os gêneros da literatura íntima – diário, autorretrato, autoensaio (Lejeune, 2008, p. 24).

E diários eram as obras de Carolina Maria de Jesus, em que nesses, a autora não apenas contou a sua vida, como uma simples história, mas ela fez história ao relatar as péssimas qualidades de vida que vivenciava na favela de Canindé, um lugar esquecido, como ela mesmo relata em sua obra, é o quarto de despejo das cidades, tudo que não tem mais utilidade é colocado lá. A sua escrita foi uma verdadeira forma de reivindicar os seus direitos e de mostrar aquilo que até então não era conhecido pelas outras pessoas.

Assim, se torna melhor de compreender *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* com o pacto autobiográfico, as narrações apresentam coincidência entre autora, narradora e protagonista, mostrando que aquilo que está escrito são as suas verdades como autora. Carolina apresenta autenticidade em suas obras, não se baseia em uma estética, mas sim em retratar a sua história de forma que mostre a sua verdade e que o leitor veja isso, quando ela narra as suas dores, fome, exclusão, misérias, sonhos e vários outros sentimentos que ela escreve de maneira sincera, se faz legitimar o pacto autobiográfico, mas que também faz um confronto ao leitor ao retratar essas desigualdades sociais, que até então eram invisibilizadas.

Sua obra, marcada pelo gênero autobiográfico, a tornou ainda mais única com sua profundidade nos fatos de forma direta. Uma escrita cheia dos seus desabafos e tristezas de não se sentir pertencente ao lugar onde vivia. Transformando suas dores e frustrações para tornar a sua escrita em uma forma de denúncia em busca de melhorias para aqueles, tal como ela, considerados invisíveis para a sociedade. Sempre com seu discurso forte e autêntico, como se carregasse a responsabilidade de narrar e tornar público as misérias de viver em um lugar esquecido. Desse modo, Sarlo (2017) destaca que:

A narração da experiência está unida ao corpo e a voz, há uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, tão pouco a experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mundo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. [...] A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar. (Sarlo, 2017, p. 24)

Nesse sentido, a experiência de Carolina se transforma em narrativa, possibilitando o leitor a ter um impacto mais profundo com os relatos abordados na obra, por ser uma experiência que realmente aconteceu, na qual ela conta o seu próprio testemunho de vida. Ao

mostrar a sua narrativa, sua obra ganha autenticidade, não apenas por relatar o seu cotidiano e vivências diárias, mas de um modo a fazer uma crítica a sociedade, denunciando a triste realidade das pessoas que vivem à margem. Isso permite que o leitor seja convidado a refletir sobre essas desigualdades, que a fizeram Carolina uma escritora.

Sua obra traz reflexões e denúncias a respeito das desigualdades sociais, fazendo com que sua escrita soe como um pedido de socorro, relatando a urgência de tratar essas questões que ainda se mantêm. A sua forma de trazer esses assuntos para o meio literário, traz uma autenticidade unicamente dela e a torna suas narrativas em um testemunho autêntico que se torna presente, reforçando a atualidade da obra. A autobiografia é isso, é entrelaçar a vida do autor com a literatura, no qual Carolina usou bem desse espaço o que deu mais valor à sua obra, tanto valor estético como literário, além de apresentar também um grande valor social com os temas abordados.

Não era apenas um diário, era a sua vida, os seus sofrimentos e o da sua comunidade, ela fez isso com a força de quem catava papel pra não morrer de fome, enquanto os escritores da época viviam em uma realidade bem distante da sua e mostravam apenas o “belo” da burguesia e das grandes cidades, somente uma pessoa que realmente vivenciou aqueles dias na favela poderia contar com precisão os acontecimentos, e Carolina foi essa corajosa, ao enfrentar um sistema totalmente voltado contra ela, uma mulher negra, pobre que residia na favela se refez através da sua escrita autobiográfica. Essa ideia é refletida na afirmação de Lejeune:

Quando você lê uma autobiografia, não se deixa simplesmente levar pelo texto como no caso de um contrato de ficção ou de uma leitura simplesmente documentária, você se envolve no processo: alguém pede para ser amado, para ser julgado, e é você quem deverá fazê-lo. De outro lado, ao se comprometer a dizer a verdade sobre si mesmo, o autor o obriga a pensar na hipótese de uma reciprocidade: você estaria pronto a fazer a mesma coisa? E essa simples idéia incomoda. (Lejeune, 2008, p. 73).

Como aponta Lejeune, esse compromisso com a verdade da história do autor, faz com que o leitor se envolva mais e apresente uma reflexão mais íntima, Carolina traz ao leitor um comprometimento com sua obra, com a verdade de sua história. Sua obra escrita em uma época de grandes desigualdades, o que ela queria era ser ouvida e a forma que encontrou foi com a sua escrita. Enquanto muito se falavam dos grandes avanços que o Brasil passava naquele período dos anos 50, ela mostrava a realidade da favela, que não era vista e nem lembrada pelos políticos. Tudo se modernizava, mas a parte esquecida da cidade, as favelas, continuavam sem atenção e investimentos, o que fez perpetuar um ciclo de pobreza e exclusão.

Os discursos de progresso que marcaram os anos 50, eram na verdade uma forma de ocultar as realidades de muitos grupos que enfrentavam duras realidades, principalmente nas favelas, que de acordo com os escritos de Carolina, podemos ver o sofrimento diário daquelas

pessoas que ali residiam. Esses espaços eram constantemente ignorados e escassos de políticas públicas, os moradores das favelas eram relegados, deixados a margem, invisíveis para sociedade. Isso demonstra que, por muitas vezes as narrativas que conhecemos ao longo do tempo, se mostra limitada quanto a isso, na qual não dão voz aos marginalizados.

A autobiografia, assim como outros campos discursivos, tenta alcançar a verdade, e essa ambição, já por si, estabelece um interesse diferenciado do leitor, pois, durante o tempo da leitura, a fé em que a verdade é acessível tem que ser alimentada e minimamente conferível factualmente. Afinal, já algum tempo sabemos que existe vida fora da linguagem. Talvez no nível ontológico a verdade, no sentido transcendental, não seja mesmo apreensível, mas na prática e nos atos que sustentam o cotidiano ela é indispensável. (Pereira, 2022, p. 106).

Dessa forma, vemos a autobiografia não apenas para contar as experiências pessoais, mas também para reconhecer a profundidade das verdades presentes nas histórias dos grupos marginalizados, que por muito tempo não tiveram representação na história da literatura. Isso enriquece e nos faz compreender melhor, abrindo espaço para entendermos mais sobre o que pode ser a verdade, tanto na literatura quanto na vida real. Carolina trouxe essas verdades em sua obra, e o seu livro se transforma nesse testemunho importantíssimo das desigualdades sociais do seu tempo. De forma que *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* não seja apenas um relato autobiográfico, mas um ato político, de resistência e reivindicação, o que será aprofundado no capítulo que se segue.

4 A POBREZA E A EXCLUSÃO SOCIAL NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO*

A obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* de Carolina Maria de Jesus foi publicada em 1960, tornando-se um verdadeiro testemunho literário e social da sua vida. A autora por meio da sua escrita autobiográfica, relata com clareza o seu cotidiano como mulher negra, pobre e mãe solo vivendo na favela do Canindé, em São Paulo, durante os anos 1950. Em suas anotações diárias, Carolina revela não apenas suas experiências individuais, mas também os sofrimentos coletivos dos moradores das favelas, em um meio marcado por fome, miséria, discriminação social e principalmente pelos políticos que não dão suporte.

Carolina Maria de Jesus transformou a sua história de vida em literatura, uma literatura diferente das outras que circulavam na época, que era marcada por vozes brancas, letradas e distantes da realidade das favelas. A sua experiência pessoal de vida tornou-se coletiva, retomando assim ao conceito de memória coletiva desenvolvido por Halbwachs (1990) o qual aborda que as lembranças individuais não existem isoladamente, mas são constantemente moldadas pelas interações sociais e pelas experiências comuns de um grupo. Dessa forma, ao Carolina relatar o seu cotidiano na favela, relata também de um modo geral a vivência daquelas pessoas, não somente a sua vida, mas de todo aquele meio social que ela estava inserida.

Como já abordado anteriormente, a obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* pertence a literatura marginal por dar visibilidade as experiências de grupos historicamente silenciados e também por apresentar uma literatura que até então não era vista e se afastava do tradicionalismo dos grandes cânones da literatura brasileira, marcada principalmente pela figura do homem da elite e consequentemente branco. Carolina, enquanto mulher negra, fala da sua realidade vivida e contada por ela mesma, uma realidade que até então não tinha sido contada por outras pessoas, principalmente para a comunidade negra, na qual enfrenta essa desigualdade de oportunidades e não existiam tantos representantes da sua classe.

É através da sua escrita, em forma de diário, registrando o seu cotidiano, que resultou em uma das suas obras mais importantes, trouxe a visibilidade da mulher negra, pobre e periférica, trazendo assim, uma autenticidade e voz a essa classe que até então era contada por outros, que não conheciam e nem viviam aquela realidade. Audálio Dantas, o jornalista que teve contato inicial com os escritos de Carolina e foi responsável pela publicação do livro, fala no prefácio da obra que ela era a pessoa ideal para falar daquela situação, ressaltando que somente alguém que vivesse aquela realidade poderia descrever com precisão e profundidade como Carolina fez.

...Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estingue as favelas. Há os que prevalecem do meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos. Há casa que tem cinco filhos e a velha

é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há as mulheres que os esposos adoecem e elas no penado da enfermidade mantem o lar. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais. (Jesus, 2014, p. 20)

Em vários momentos da obra, Carolina fala do seu desejo de melhorar de vida e de poder se mudar da favela, porque ela não se sentia pertencente aquele lugar, um lugar escasso de políticas públicas e sem o olhar do Estado. Esse não era um desejo somente pra si, mas queria também que as favelas não pudessem existir para que aquelas pessoas também não passassem mais por aquelas situações de abandono e descaso. Ela traz a visão da favela não com romantização, mas realmente como um ambiente que fosse impróprio para um ser humano viver, sendo retratada como um lugar de dor e sofrimento.

Além disso, a autora traz a sobrecarga enfrentada por muitas mulheres da favela que muitas vezes precisavam manter os lares sozinhas, enquanto os homens adoecem ou abandonam suas responsabilidades, sendo uma situação que ainda se faz presente na nossa atualidade. E assim era a realidade de muitas mulheres na favela, sujeitas a viver péssimas qualidades de vida por não ter acesso a oportunidades de trabalho digno, educação ou políticas públicas eficazes. Carolina é mais uma dessas mulheres que enfrentava dias difíceis, mãe solo de três filhos sem uma rede de apoio, enfrentava dias de trabalhos difíceis para trazer o alimento de cada dia para os filhos.

Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar água. Fiz o café. Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café simples e comesse carne com farinha. Eu estava indisposta, resolvi benzer-me. Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau olhado. A indisposição desapareceu sai e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça. Faz uns dois anos, que eu pretendo comprar uma maquina de moer carne. E uma maquina de costura. (Jesus, 2014, p. 12)

Carolina tinha muitas funções devido à sua condição de viver sozinha com os seus três filhos e sem marido, assim era responsável por manter a casa e o sustento dos filhos com o básico, sem luxos e sem qualquer tipo de conforto. A sua rotina se tornava exaustiva e cansativa, passava longas horas na rua catando papel, lavava roupas para outras pessoas além de cuidar dos filhos, preparar a comida e cuidar da casa. O seu cansaço era tanto fisicamente quanto psicologicamente, pois mesmo fazendo inúmeras tarefas e trabalhos, sempre estava em falta de algo, o básico para a sobrevivência como a comida, que as vezes o dinheiro não dava para comprar, o que a deixava frustrada com a vida que levava.

Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outro País sofrem igual aos pobres do Brasil? Eu estava discontente que até cheguei a brigar com o meu filho José Carlos sem motivo.

...Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. E linguiça enlatada. Penso: E assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados. Não houve briga. Eu até estou achando isto aqui monotono. Vejo as crianças abrir as latas de linguiça e exclamar satisfeitas: — Hum! Tá gostosa! A Dona Alice deu-me uma para experimentar. Mas a lata está estufada. Já está podre. (Jesus, 2014, p.33)

Carolina Maria de Jesus intitulava a favela como o “quarto de despejo”, o lugar esquecido deixado as margens, longe da cidade e do poder público, tornando-se, assim, um local escasso de políticas públicas. Com efeito, por consequências da falta desses recursos básicos a qual o governo oferece, como saneamento, saúde, segurança e educação tornava a favela um lugar propício a essas desigualdades sociais e a pobreza. A metáfora a qual traz o título da obra, *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, remete a essa exclusão e as péssimas qualidades de vida que os favelados tinham, representados como a parte esquecida e afastada do centro político e econômico, a obra traz essa crítica, mostrando o outro lado, a parte que até então não se encontrava na literatura, trazendo traços únicos de uma escritora negra e a denúncia do abandono a qual os pobres são submetidos, como podemos ver em um dos seus trechos:

...Quando cheguei do palacio que é a cidade os meus filhos vieram dizerme que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco do macarrão com feijão. E o meu filho João José disse-me:
—Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo. Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. Eu disse:
—É que eu tinha fé no Kubstchek.
—A senhora tinha fé e agora não tem mais?
—Não, meu filho. A democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia.
...Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido.
Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha.
...Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amisade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria revoltar-se, o que pode fazer aminorar? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o paiz dos políticos açambarcadores. (Jesus, 2014, p. 39)

Ela traz na sua escrita a clareza dos acontecimentos, mostrando a dura realidade de viver com o pouco e as vezes com quase nada, se sujeitando a comer comida do lixo por não ter o que comer em casa e nem como alimentar os filhos, mostrando o sentimento de frustração e desesperança que a tomava pelas promessas vazias de políticos, que só reconheciam as favelas

em tempo de eleições, mas depois que ganhavam, esqueciam novamente. A favela, sendo o “quarto de despejo”, representava mais que um espaço físico, tornava-se um espaço que era imposto aos pobres, de viver em um lugar sem dignidade e qualidade de vida. Desse modo, as pessoas que lá residiam, além de lidar com a dura exclusão ainda conviviam o fato de serem vistos pela sociedade de fora como marginais, preguiçosos ou perigosos, estereótipos que foram criados por uma sociedade preconceituosa e que excluía as classes menos favorecidas e principalmente quando essas classes são formadas por pessoas negras.

A forma como lemos e observamos a obra literária de Carolina Maria de Jesus, conseguimos ver e sentir o descaso. Nesse viés, a pobreza e a exclusão social são presentes em quase todos os seus relatos, tornando-se uma das partes mais centrais e impactantes da obra. A autora nos apresenta temas profundos e que nos impactam ainda mais por sabermos que realmente aconteceu e que continua a acontecer na nossa atualidade, que a luta contra a fome continua a acontecer. A literatura de Carolina nesse contexto, vem nos mostrar a realidade na escrita, sem rodeios ou romantização de forma clara e direta, o que a torna uma obra de grande relevância para nossa literatura brasileira e sociedade, revelando o poder da escrita como meio de transformação.

4.1 A Representação da Fome e da Dignidade Humana em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*

A fome é um dos temas centrais e mais impactantes na obra de Carolina Maria de Jesus. Ela aparece como uma presença constante, quase como uma personagem que acompanha a autora em seu cotidiano e que afeta profundamente sua rotina e a de seus filhos. A sua experiência recorrente com a fome influencia o seu cotidiano e a forma como ela escreve o seu diário, que por muitas vezes o termo “fome” aparece em suas narrativas. Em seu diário, Carolina chega a dizer que “A pior coisa do mundo é a fome!” (Jesus, 2014, p.191). Podemos ver a gravidade dessa sua afirmação, quando nos deparamos com os vários relatos ao longo da obra, não sendo apenas um sofrimento físico, mas de um abandono social, não somente vivenciado por ela, mas por tantos outros moradores da favela.

Na vida de Carolina Maria de Jesus, a escassez de recursos era constante e abrangente no seu dia a dia, sempre estava faltando algo para se alimentar, para vestir e até mesmo se calçar. Logo no início de seu diário, a autora expressa o sentimento de frustração e tristeza por não conseguir atender ao desejo de sua filha, Vera Eunice, em seu aniversário, revelando a dor de uma mãe diante da impossibilidade de oferecer algo simples, como um par de sapatos para dar de presente, devido à dura realidade da pobreza.

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. (Jesus, 2014, p.11).

Esse trecho evidencia não apenas a falta de bens materiais que percorre a vida de Carolina e de sua família, mas também o impacto emocional da miséria e pobreza, especialmente nas relações afetivas e na maternidade. Desse modo, nota-se o quanto ela se faz forte e resistente diante de tanto sofrimento enfrentado todos os dias com seus filhos e ainda carregar o peso, para ela como mãe, de não poder atender ao essencial para seus filhos, nem tanto bens materiais, mas o alimento de cada dia: era isso que a fazia levantar todos os dias mesmo indisposta, a não desistir da vida e continuar a luta diária, de sair pelas ruas catando papeis.

O constante estado de privação da sua vida impõe uma luta diária por sobrevivência, em que atos simples como se alimentar tornam-se verdadeiros desafios existenciais. Tudo o que ela fazia e vendia era pelo alimento diário que muitas vezes nem dava para o dia e nem dava para saciar a fome das crianças “Como é horrível ver um filho comer e perguntar: “Tem mais? Esta palavra “tem mais” fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panelas e não tem mais.” (Jesus, 2014, p.38).

A fome retratada por Carolina Maria de Jesus não é uma dor que só a barriga sente, é uma experiência e sentimento que a consome por completo e a deixa muitas vezes sem esperança. Se apresentando como uma presença constante e opressora, quase como um fantasma que assombra os seus dias, tornando sua rotina ainda mais árdua. Mesmo exausta, Carolina não podia se permitir parar, a necessidade de garantir o sustento diário era uma luta constante, até doente saía as ruas em busca de encontrar papeis no lixo ou alguma outra coisa que pudesse vender para poder comprar algo para alimentar ela e os filhos. Essa realidade nos leva a refletir sobre a profunda injustiça social que permite que seres humanos, pertencentes igualmente à sociedade, sejam privados do mínimo necessário para viver com dignidade.

O que eu aviso aos pretendentes a politica, é que o povo não tolera fome. É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la. [...] O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome tambem é professora. Quem passa fome aprende a pensar no proximo e nas crianças. (Jesus, 2014, p.29).

Trata-se de uma exclusão sistemática que perpetua por muito tempo, em que pessoas pobres e moradores das favelas são relegados à margem e ignorados pelo poder público, como se suas vidas fossem menos dignas de atenção e cuidados básicos. Carolina destaca muitas vezes na obra esse apagamento das classes menos favorecidas, falando que o Brasil precisa ser dirigido por pessoas que olhem essas classes menos favorecidas, porque eles não têm

representantes, são esquecidos, não recebem recursos e nem políticas públicas o que dificulta ainda mais a sobrevivência e ter uma vida digna.

No prefácio da obra, Audálio Dantas reconhece a profundidade do olhar de Carolina ao escrever os seus relatos e afirma: “[...] Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história - a visão de dentro da favela.” (Jesus, 2014, p.6). Pois não havia ninguém melhor para falar do assunto do que quem realmente vivenciou os dias difíceis na favela, e ela foi a pessoa perfeita para tratar do assunto já que vivenciava e escrevia tudo nos seus cadernos velhos que encontrava catando lixo. Narrava as verdades dos dias difíceis e esquecidos na favela, os seus escritos não eram apenas relatos, mas seu testemunho de vida em meio ao descaso social.

Os dias eram tão difíceis e cruéis para Carolina, que ela chegou a ver a cor da fome: amarela. Um ponto extremamente forte e que nos faz refletir sobre a dor de Carolina que também é a dor de muitas outras pessoas, de sentir tanta fome a ponto de ver e dar cor a fome. Essa expressão diz muito sobre essa condição de vida na qual ela tinha, mesmo saindo as ruas todos os dias para procurar alimento para ela e os filhos, a fome não se desfazia e quase sempre não era saciada. Porque a fome é uma condição humana que é saciada com comida, mas Carolina as vezes não tinha o mínimo para se alimentar e alimentar os filhos, essa condição se dar por conta da pobreza e desigualdade social a qual é a luta de muitas pessoas ainda na nossa atualidade, desencadeando essa falta do mínimo e a vida de Carolina, era isso, uma constante falta.

...Percebi que no Frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago. Comecei sentir a boca amarga. Pensei: já não basta as amarguras da vida? Parece que quando eu nasci o destino, marcou-me para passar fome. Catei um saco de papel. Quando eu penetrei na rua Paulino Guimarães, uma senhora me deu uns jornais. Eram limpos, eu deixei e fui para o depósito. Ia catando tudo que encontrava. Ferro, lata, carvão, tudo serve para o favelado. O Leon pegou o papel, recibi seis cruzeiros. Pensei guardar o dinheiro para comprar feijão. Mas, vi que não podia porque o meu estômago reclamava e torturava-me.... Resolvi tomar uma media e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos.” (Jesus, 2014, p.44).

A fome é destacada por Carolina, inúmeras vezes na obra, e assim deu cor a fome, representada pela cor amarela. Ao dar forma e cor à fome, Carolina rompe o silêncio sobre uma realidade ignorada, de uma vida que era marcada por essa escassez de não ter o que comer, e é justamente essa falta que ela transforma em escrita. Na qual para ela, a fome era uma das piores enfermidades do mundo. Pois quando estava com muita fome via tudo amarelo, tudo perdía a

graça. Uma mulher guerreira que vivenciava todos os dias a dor de não saber se iria ter o que comer e nem como ia alimentar os seus filhos.

A comida no estomago é como combustível nas máquinas. Passei a trabalhar mais depressa. O meu corpo deixou de pesar. Comecei a andar depressa. Eu tinha a impressão que eu deslizava no espaço. Comecei sorrir como se estivesse presenciando um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida. (Jesus, 2014, p.44).

Carolina ao dizer que "a comida no estômago é como combustível nas máquinas" retrata a importância de algo tão simples, que é a comida no estômago. Mas que é algo essencial para a sobrevivência humana e não só para isso, mas também para a dignidade humana. Comer, devolve a ela, a energia física que ela precisa para trabalhar e a alegria de se sentir pertencente ao mundo, mesmo que por um momento. Podemos ver como esse sentimento dela, ao comer, mostra o tamanho da desigualdade social que ela enfrenta diariamente e ao escrever sobre essas experiências com tamanha franqueza, Carolina mostra uma realidade invisível aos olhos da sociedade mais favorecida.

Eu sei que existem brasileiros aqui dentro de São Paulo que sofre mais do que eu. Em junho de 1957 eu fiquei doente e percorri as sedes do Serviço Social. Devido eu carregar muito ferro fiquei com dor nos rins. Para não ver meus filhos passar fome fui pedir auxílio ao propalado Serviço Social. Foi lá que eu vi as lágrimas deslizar dos olhos dos pobres. Como é pungente ver os dramas que ali se desenrola. A ironia como são tratados os pobres. A única coisa que eles querem saber são os nomes e os endereços dos pobres. (Jesus, 2014, p.42).

Carolina reconhece que não é só a sua vida que apresenta esses desafios, mas uma grande parte, demonstra uma consciência coletiva da miséria. Sua dor é contada mostrando a dor de outras pessoas que sofrem junto essa exclusão, sua dor não a torna egoísta e nem se vitimiza em relação a isso, ela reconhece que por mais difícil que seja sua situação, não é a pior, ela usa isso para dar voz e chamar a atenção do poder público para que intervenha nesse meio tão esquecido e rejeitado até pelo serviço social, como ela comenta, que só tem apenas nome, mas que não fazem o devido papel que pertencem a essa sociedade.

Carolina se submetia a qualquer tipo de trabalho para poder colocar comida na mesa e sustentar seus filhos. Foi através de um desses trabalho exaustivos e complicações na sua saúde, ao carregar muitos ferros que ela se deparou com a insensibilidade do sistema. Foi a procura do serviço social, mas que apenas tinha o nome e a falsa promessa de ajuda. Um espaço que era para acolher e amparar a população mais vulnerável, se mostra como um serviço cheio de falhas, prestado com desumanidade e sem assistência, revelando-se apenas uma estrutura burocrática, marcada por promessas vazias que nunca chegava a quem precisava e foi indo atrás que Carolina viu, que o pobre é humilhado de todas as formas.

Além de se submeter a trabalhos exaustivos, quando não conseguia nada na rua para vender e comprar algo para comer, saía a procura de comida no lixo:

Eu ontem comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer, porque em 1953 eu vendia ferro lá no Zinho. Havia um pretinho bonitinho. Ele ia vender ferro lá no Zinho. Ele era jovem e dizia que quem deve catar papel são os velhos. Um dia eu ia vender ferro quando parei na Avenida Bom Jardim. No Lixão, como é denominado o local. Os lixeiros haviam jogado carne no lixo. E de escolhia uns pedaços: Disse-me:

— Leva, Carolina. Dá para comer.

Deu-me uns pedaços. Para não maguá-lo aceitei. Procurei convencê-lo a não comer aquela carne. Para comer os pães duros ruidos pelos ratos. Ele disse-me que não. Que há dois dias não comia. Acendeu o fogo e assou a carne. A fome era tanta que ele não ponde deixar assar a carne. Esquentou-a e comeu. Para não presenciar aquele quadro, saí pensando: faz de conta que eu não presenciei esta cena. Isto não pode ser real num paiz fértil igual ao meu. Revoltei contra o tal Serviço Social que diz ter sido criado para reajustar os desajustados, mas não toma conhecimento da existência infausta dos marginais. Vendi os ferros no Zinho e voltei para o quintal de São Paulo, a favela. No outro dia encontraram o pretinho morto. Os dedos do seu pé abriram. O espaço era de vinte centímetros. Ele aumentou-se como se fosse de borracha. Os dedos do pé parecia leque. Não trazia documentos. Foi sepultado como um Zé qualquer. Ninguém procurou saber seu nome. Marginal não tem nome. (Jesus, 2014, p. 39)

Essa realidade mostra o tamanho da desigualdade social que afetava a população na época e até os dias atuais. Quando ela descreve o relato do jovem que comeu comida estragada e logo após morreu, sendo sepultado como um "Zé qualquer", sem nome, sem história, traz para a sociedade o apagamento da identidade das pessoas pobres no Brasil, daquelas que vivem afastadas, que vivem no quarto de despejo das grandes cidades, tratadas como marginais, com a qual Carolina escreve com grande revolta "Marginal não tem nome." Denunciando não só a fome, mas a forma como o Estado ignora os povos marginalizados, negando-lhes até mesmo a dignidade da memória, de ser alguém na sociedade.

...Achei um cará no lixo, uma batata doce e uma batata solsa. Cheguei na favela os meus meninos estavam roendo um pedaço de pão duro. Pensei: para comer estes pães era preciso que eles tivessem dentes eletricos.

Não tinha gordura. Puis a carne no fogo com uns tomates que eu catei lá na Fabrica Peixe. Puis o cará e a batata. E agua. Assim que ferveu eu puis o macarrão que os meninos cataram no lixo. Os favelados aos poucos estão convencendo-se que para viver precisam imitar os corvos. Eu não vejo eficiência no Serviço Social cm relação ao favelado. Amanhã não vou ter pão. Vou cozinhar a batata doce. (Jesus, 2014, p. 41)

A fome era muito presente na vida de Carolina e para não morrer de fome, submetia-se a comer comidas encontradas no lixo, dividindo com os seus filhos. As cenas em que ela descreve esses acontecimentos, são de uma forma muito impactante, na qual mostra ao leitor que a fome tira a dignidade do ser humano, que ele se tornar capaz de comer e fazer qualquer coisa para se alimentar, revelando até que ponto a fome é capaz de afetar a condição humana. Esses atos, em outras circunstâncias seria algo humilhante para a condição humana, mas acaba

se tornando comum no meio deles, já que as condições não os favorecem com o mínimo de dignidade humana e eles precisam sobreviver.

...O José Carlos chegou com uma sacola de biscoitos que catou no lixo. Quando eu vejo eles comendo as coisas do lixo penso: E se tiver veneno? É que as crianças não suporta a fome. Os biscoitos estavam gostosos. Eu comi pensando naquele provérbio: quem entra na dança deve dançar. E como eu também tenho fome, devo comer. (Jesus, 2014, p. 46)

E não só os adultos que estão sujeitos a isso, as crianças também sente, vivem uma infância marcada pela fome e desprezo social. Quando o filho de Carolina, José Carlos chega em casa com uma sacola de biscoitos recolhidos do lixo, ela teme que os biscoitos tenham veneno, mas sabe que não pode impedir que eles comam, pois sentem fome. Como pode, esse ato se tornar normal na sociedade, quando pessoas comem restos de comidas vindas do lixo, tornando-se comum e invisível aos olhos da sociedade? A sociedade não pode ver isso acontecer e achar normal, essa é a forma que Carolina tenta nos chamar atenção, nos fazendo repensar o nosso humano, nos chamando a ter uma ação enquanto isso.

Essa realidade dolorosa, mostra como a sociedade falha em garantir o mínimo de dignidade para essa população. Em vez de acolher, proteger e garantir direitos, muitas vezes torna natural essas práticas marcadas pela exclusão, tornando comum aquilo que deveria causar indignação. Porém, mesmo diante dessas situações, Carolina ainda encontra espaço para a crítica social, trazendo a ineficiência do Serviço Social e a forma como o governo atua, em busca de melhorias para a condição de vida dos favelados, trazendo críticas a um sistema que finge não ver que os pobres existem, sofrem, resistem e que essa existência não pode continuar sendo ignorada.

Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome. Os meninos ganharam uns pães duro, mas estava recheiado com pernas de barata. Joguei fora e tomamos café. Puis o unico feijão para cosinhar. Peguei a sacola e saí. Levei os meninos. Fui na Dona Guilhermina, na Rua Carlos de Campos. E pedi para ela um pouco de arroz. Ela deu-me arroz e macarrão. E eu fiquei conversando com o seu esposo. Ele deu-me umas garrafas para eu vender. E eu catei uns ferros. Depois de conseguir algumas coisas para os meninos comer. Reanimeime. Acalmei o espirito. Fui no senhor Manoel vender as garrafas. Ganhei 22 cruzeiros. Comprei 10 de pão e um cafezinho. (Jesus, 2014, p. 99)

Neste trecho observamos o desabafo de Carolina em relação a vida que leva e como os impactos da fome afetam sua vida cotidiana e o seu psicológico. Assim, traz-se uma reflexão enquanto leitor, o tamanho que são as causas da privação de fome podem afetar uma pessoa, afetando não só o corpo, mas o interior, a mente humana. “...Deixei o João e levei só a Vera e o José Carlos. Eu estava tão triste! Com vontade de suicidar. Hoje em dia quem nasce e suporta a vida até a morte deve ser considerado heroi.” (Jesus, 2014, p. 102) Podemos observar como a

falta de comida afeta profundamente o equilíbrio emocional e a vontade de viver de Carolina. A sua luta continua pela sobrevivência é cotidiana, está sempre em busca de alimentos para seus filhos e quando consegue é como se ganhasse ânimo para viver.

Hoje eu estou disposta. O que me entristece é o suicídio do senhor Tomás. Coitado. Suicidou-se porque cansou de sofrer com o custo da vida. Quando eu encontro algo no lixo que eu posso comer, eu como. Eu não tenho coragem de suicidar-me. E não posso morrer de fome. Eu parei de escrever o Diário porque fiquei desiludida. E por falta de tempo. (Jesus, 2014, p. 161)

Na obra *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, Carolina apresenta alguns trechos em que Carolina fala em suicidar-se por conta da fome e da vida que leva, essa forma de se expressar e de falar inúmeras vezes esse assunto, nos mostra o desespero de se manter viva diante de tanto sofrimento que ela vivenciava com seus filhos, o desespero causado pela miséria e fome. A forma como retrata isso não se trata de romantizar a dor, mas soa como um pedido de socorro sobre a condição desumana imposta pela fome e pela exclusão social, que afetavam a população que vivenciava o mesmo que ela, porque não era somente ela que tinha esse pensamento, mas, outras pessoas que também passava por isso, pensavam em suicidar-se.

...Ontem eu comprei açúcar e bananas. Os meus filhos comeram banana com açúcar, porque não tinha gordura para fazer comida. Pensei no senhor Tomás que suicidou-se. Mas, se os pobres do Brasil resolver suicidar-se porque estão passando fome, não ficaria nenhum vivo. (Jesus, 2014, p. 162)

Com o suicídio do senhor Tomás, vizinho que não suportou mais o custo da vida, ela chega até a pensar no mesmo, mas apesar de tanto sofrimento, Carolina não se entregava a dor e tentava se manter firme, pois sabia da responsabilidade que tinha como mãe, de cuidar deles e do valor que tinha a vida. Mesmo em meio ao sofrimento extremo da qual eles enfrentavam, ela sabia que não tinham culpa de viver naquela situação. Por ser mãe solo, sentia ainda mais na pele, pois não recebia muita ajuda, haveria de trabalhar dobrado, teria que ser ela por ela e pelos filhos que tanto amava e é justamente os filhos, que ao olhar para eles, encontra esperança e desiste da ideia de suicidar.

...Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo? (Jesus, 2014, p. 174)

Para termos uma melhor compreensão acerca da fome na obra *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, o Quadro 1 apresenta os principais aspectos observados ao longo da narrativa referente a fome e como isso impactava profundamente a vida de Carolina Maria de Jesus em vários aspectos. A fome, em sua obra como ela relata, não surge apenas como ausência de alimento, mas como um mal que vai além da fome, capaz de atravessar o corpo, a mente, as

relações afetivas e a dignidade humana. Dessa forma, o quadro a seguir evidencia esses elementos, associados aos trechos da obra, com a finalidade de mostrar como a fome funciona não apenas como um sentimento de se estar com fome, mas como experiência existencial, social e política, denunciada com crueza e sensibilidade por uma mulher negra, pobre e periférica.

Quadro 1— Dimensões e impactos da fome em Quarto de despejo: Diário de uma favelada

Aspecto	Descrição com base na obra	Exemplo citado do livro
Frequência	A fome é recorrente, mencionada quase diariamente.	“A pior coisa do mundo é a fome!” (p. 191)
Efeitos físicos	Tontura, fraqueza, visão alterada, doenças.	“Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos.” (p. 44)
Efeitos emocionais/psicológicos	Desespero, tristeza, vontade de morrer.	“Pensei até em suicidar. [...] Por infelicidade eu amanheci com fome.” (p. 99)
Impacto na infância	Crianças comem do lixo, normalizam a fome.	“...O José Carlos chegou com uma sacola de biscoitos que catou no lixo. Quando eu vejo eles comendo as coisas do lixo penso: E se tiver veneno? É que as crianças não suporta a fome. Os biscoitos estavam gostosos.” (p. 46)
Relação com o lixo	O lixo é fonte de alimento e símbolo de exclusão.	“Catei um saco de papel. (...) Tudo serve para o favelado.” (p. 44)
Crítica social	Carolina denuncia a ineficiência do Estado e dos serviços sociais administrados pelos governantes da época.	“...Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. [...] Precisamos livrar o país dos políticos açambarcadores.” (p.39)
Falta de dignidade humana	Comer restos, implorar por ajuda, ausência de políticas públicas eficazes.	“Os meninos ganharam uns pães duros, mas estavam recheados de barata.” (p. 99)

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

A fome na qual Carolina descreve é o elemento mais simbólico da sua obra, mostrando a exclusão social ao narrar os dias de miséria, ela torna público de maneira única a sua visão e vivência da pobreza, revelando os rostos esquecidos pelo progresso seletivo da cidade de São

Paulo, mostrando as favelas, os “quartos de despejos”, como descreve, na qual foram esquecidos diante das grandes modernizações das grandes cidades. Sua escrita busca acima de tudo, justiça, convidando o leitor a enxergar essa realidade invisibilizada de tantos brasileiros que vivem dessa forma, que até então não era contada dessa forma nem vista na outra parte da sociedade.

4.2 A Linguagem e o estilo literário narrativo de Carolina Maria de Jesus

Os acontecimentos da obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, rompem as barreiras da literatura tradicional, evidenciando de maneira crítica, a realidade da pobreza urbana no Brasil. Carolina Maria de Jesus, com sua escrita direta e autêntica, deu voz às vivências da população marginalizada e oculta da sociedade. Negra, pobre e relegada às margens da sociedade, transformou sua experiência em uma obra singular, capaz de dar voz à dura exclusão social que enfrentava.

A forma como Carolina Maria de Jesus constrói sua narrativa em *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* nos mostra o seu estilo literário e a sua forma de falar sobre a dura realidade das pessoas que viviam invisíveis nas favelas. Ela nos traz na sua escrita sua autenticidade, com uma linguagem simples e direta que contribui para transmitir a autenticidade de suas experiências e reforçar o compromisso com a verdade de sua história e de toda a sua comunidade, com os relatos escritos nos seus diários, na qual ela gostava de escrever. “Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo.” (Jesus, 2014, p. 22)

Carolina constrói seu estilo a partir do seu cotidiano, em forma de diário, relatando o dia a dia da comunidade e a forma como viviam, encontrando na escrita uma forma de evidenciar a parte esquecida da cidade: a favela. Através dos seus escritos e a forma como abordou esses temas, ela transformou a experiência marginalizada em obra literária, revelando a dura realidade de quem vive à margem do sistema. Com sua linguagem simples, mas que carregava a autenticidade e a coragem de poder se fazer escritora em um meio que ela não tinha voz.

Carolina faz o uso de metáforas para mostrar a sua visão crítica e sensível acerca da cidade de São Paulo, especialmente em relação à desigualdade social e à marginalização da favela. Ela nos traz a comparação da cidade e da favela, a cidade representada como a sala de estar e a favela como o quarto de despejo, os quartos de despejos nos remetem a parte da casa que ninguém visita, na qual as coisas que não tem mais usos são deixados lá e com um tempo são esquecidos. “...Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a

sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (Jesus, 2014, p. 32) E era assim que Carolina via a favela, a parte esquecida da sociedade, dos políticos, dos programas sociais, esquecidos e abandonados para a população das grandes cidades.

...As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. [...] Abri a janela e vi as mulheres que passam rapidas com seus agasalhos descorados e gastos pelo tempo. Daqui a uns tempos estes palitol que elas ganharam de outras e que de há muito devia estar num museu, vão ser substituídos por outros. E os políticos que há de nos dar. Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo. (Jesus, 2014, p. 37)

Essa forma como escreveu sobre as favelas, mostra a exclusão social dessas duas classes, que vivem em uma mesma cidade, mas com realidades diferentes e separadas, na qual descreve também a condição como os moradores das favelas se sentem invisíveis e desumanizados diante do meio social. Os moradores da favela ficavam sem acesso aos direitos básicos garantidos pela Constituição como moradia, saúde, alimentação, educação e dignidade humana, sendo um dos princípios fundamentais na qual eles e todas as pessoas que residem no país tem direito. Os favelados, como ela narra em seu diário, continuam a viver a margem, porque os direitos não chegam até eles, continuam invisíveis e presos no “quarto de despejo”.

O estilo literário de Carolina rompe com a literatura tradicional da época, na qual mostrava apenas a parte romantizada da sociedade, mostrando uma realidade distante daquelas vivenciadas pela maioria da população, que era a classe mais baixa. Dessa forma, ela traz nos seus escritos a realidade vivenciada por essa população e o abandono por parte do poder público, que por muitas vezes tentou esconder essa realidade. São relatos em forma de denúncia, mostrando que por trás daqueles muros que dividem as cidades das favelas, existem vida, pessoas que sofrem diante da escassez.

Escrever e publicar a narrativa da própria vida foi por muito tempo, e ainda continua sendo, em grande medida, um privilégio reservado aos membros das classes dominantes. O “silêncio” das outras classes parece totalmente natural: a autobiografia não faz parte da cultura dos pobres. (Lejeune, 2008, p. 113)

O que até então não era visto e nem ouvido na literatura brasileira, Carolina trouxe em seus diários, a sua escrita autêntica e cheia de coragem, deu voz a população pobre, negra e excluída. Ela contou a sua história da forma como presenciava e enxergava, colocando no centro da narrativa aqueles que sempre foram mantidos à margem e que não tiveram representantes para tornar aquela realidade conhecida. Carolina com sua força de vontade de se fazer presente na literatura, na qual tem o desejo de se tornar escritora, mas que sabe que tem que lutar muito

para ser aceita em meio ao preconceito e desigualdades e principalmente por ser uma mulher negra.

A sua obra é constituída de um estilo literário marcado pela oralidade ao retratar o seu cotidiano em forma de diário, marcado pela simplicidade e clareza nos seus relatos. Buscando mostrar a urgência da dor da fome e dos descasos, com uma linguagem simples, sem um vocabulário que segue as regras gramaticais, e é possível ver isso ao decorrer da obra, na qual muitas palavras estão escritas de forma errada, sem a acentuação correta. Mas esses erros representam as marcas de Carolina, revelam a realidade social e educacional da autora, que teve acesso limitado à escolarização formal, não conseguiu terminar os estudos, mas era apaixonada por livros e pela escrita. Como aponta a nota editorial da obra, traz a escrita realista dos cadernos de Carolina: “[...]esta edição respeita fielmente a linguagem da autora, que muitas vezes contraria a gramática, incluindo a grafia e acentuação das palavras, mas que por isto mesmo traduz com realismo a forma de o povo enxergar e expressar seu mundo” (Jesus, 2014, p. 7).

A sua escrita é repleta por um vocabulário simples, cotidiano, mas que mostra com precisão os seus sentimentos mais profundos como a raiva, esperança, fé, cansaço, indignação e tantos outros descritos por ela. Podemos notar que há na escrita de Carolina uma sequência de frases curtas em várias partes da obra, o que torna a obra uma sequência de fatos fácil e compreensível de ler. Sua escrita é como ela fala, muitas vezes soa como se estivéssemos vendo Carolina fazer determinada ação pela forma da sua escrita, o que nos torna ainda mais próximos da sua história, nos tornando cúmplices e fazendo com que tenhamos empatia diante do seu sofrimento.

A singularidade e oralidade da escrita de Carolina Maria de Jesus não passou despercebida a críticos e escritores de sua época. Construiu um estilo literário unicamente seu, escrevendo a partir de um lugar de exclusão e dessa forma conseguiu se destacar no meio literário, alguns criticavam e outros a reconheceram como uma grande escritora. Um dos grandes reconhecimentos veio do poeta Manuel Bandeira, citado por Audálio Dantas no prefácio da presente obra, identificou com precisão a força literária presente em sua linguagem:

O poeta Manuel Bandeira, em lúcido artigo, colocou as coisas no devido lugar: ninguém poderia inventar aquela linguagem, aquele dizer as coisas com extraordinária força criativa mas típico de quem ficou a meio caminho da instrução primária. Exatamente o caso de Carolina, que só pôde chegar até o segundo ano de uma escola primária de Sacramento, Minas Gerais. (Jesus, 2014, p. 8)

Carolina escreve como vive, com urgência, com verdade, com resistência e ela ainda diz que faz isso, não só por ela, mas por todos aqueles que vivem a mesma situação “...Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu.

E faço isto em prol dos outros.” (Jesus, 2014, p. 36) Ela não fala da pobreza como algo distante, mas fala e escreve a partir dela e dos que também passam pelos mesmos sofrimentos, transformando sua dor em uma obra literária na qual denuncia as desigualdades sociais.

Mesmo com pouca escolarização, Carolina cria um amor pela leitura e escrita, da qual se apropria e torna um instrumento de resistência e força. É visto em sua obra diversos momentos, em que ela revela seu desejo de ser escritora e de transformar sua realidade por meio da literatura, o que revela um pacto autobiográfico intencional com o leitor. “Mesmo elas aborrecendome, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade.” (Jesus, 2014, p.16) Vemos como ela tem consciência da importância de sua escrita e que continua a escrever, sendo para ela mais que uma prática, mas a sua história de vida.

O diário, gênero escolhido por Carolina em *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, retoma o caráter íntimo de sua obra, mas também revela um compromisso ético com a verdade. A cada data registrada em suas páginas marcam um dia de sobrevivência e luta contra a fome, a pobreza e as violências que atravessam sua existência como mulher negra e pobre na favela. Ao narrar sua vida cotidiana, Carolina constrói uma escrita única, marcada por sua trajetória individual, mas que ao mesmo tempo denuncia as estruturas sociais que geram e perpetuam a exclusão.

Os diários são narrativas autobiográficas em que um eu de vida extratextual comprovada (ou mesmo com vida apenas dentro do texto) registra, com amparo de data, apoiado na clássica datação, anotações variadas, geralmente sobre um passado recém acabado, fragmentando a suposta experiência de vida. (Andrade, 2008, p.80)

Essa ideia mostra como Carolina escreve, registrando e relatando sua vida. Em sua forma, é um pedaço do que ela vive e sente na sociedade que ao escrever, ela mostra o que vive todo dia, o que pensa, o que quer e o que sente. Sua escrita vai além de só contar sua vida. "Vou fazer um livro sobre a favela. Vou falar de tudo que acontece aqui. E tudo que vocês fazem comigo. Eu quero fazer o livro, e vocês com essas coisas ruins me dão o que usar. (Jesus, 2014, p.20)" Ela busca mostrar de maneira que seja um todo, de vários aspectos, de todas as partes e essa forma nos ajuda a compreender melhor a sua trajetória.

Nesse sentido, é possível identificar, segundo Lejeune (2008), um pacto autobiográfico, pois a autora se apresenta como a mesma pessoa que escreve, narra e vive os acontecimentos. Sua escrita vai além do íntimo e de si, passa a ocupar também um espaço de denúncia e de resistência. O seu diário, nesse sentido, não é apenas uma forma de narrar a si mesma, mas de

afirmar uma história que foi silenciada ao longo dos anos, transformando a experiência marginalizada em obra literária e denúncia social.

A autora constrói uma narrativa em que o ato de escrever surge como autodefesa, refúgio e instrumento de denúncia pública, era quando estava escrevendo que se sentia melhor e também servia como uma forma de desabafo. Ao longo do diário, Carolina menciona o seu desejo de transformar sua realidade por meio da escrita: “É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela.” (Jesus, 2014, p.27) Essa declaração de Carolina, revela o desejo constante de transformar a escrita em um meio de autonomia pessoal e econômica para poder mudar de vida e viver com mais dignidade. A literatura, nesse contexto, não é apenas uma atividade artística, mas uma ferramenta de sobrevivência e transformação para ela e todos aqueles que fazem parte da sua história.

4.3 Impactos sociais da obra na sociedade contemporânea

A obra *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus publicada no ano de 1960, continua se fazendo presente na nossa atualidade através dos seus temas abordado que transcende o tempo. A obra continua a provocar impactos significativos na sociedade contemporânea, especialmente ao revelar a realidade da pobreza, da exclusão social e da resistência das mulheres negras nas periferias brasileiras. Pois embora já tenha se passado muitos anos desde a publicação da sua obra, Carolina apresenta questões que é recorrente nos dias atuais, presentes não somente no meio das favelas, mas por grande parte dos estados brasileiros.

A obra se torna assim, atemporal, mesmo com a mudança do tempo, a questão da pobreza ainda é presente no Brasil. Apesar das melhorias apontadas pelo IBGE na redução da pobreza no Brasil em 2024, essas questões ainda afetam milhões de brasileiros, evidenciando na atualidade os fatos narrados na obra. Segundo Audálio Dantas no prefácio da obra “Assim, *Quarto de Despejo* não é um livro de ontem, é de hoje. Os quartos de despejos, multiplicados, estão transbordando.” (Jesus, 2014, p.8). Embora as políticas públicas tenham gerado impactos positivos em alguns aspectos sociais, essa luta precisa ser contínua, pois essa realidade ainda permeia por grande parte das favelas, precisando de mais atenção básica e melhorias de vida.

Carolina Maria de Jesus relata em sua obra as péssimas condições de vida nas favelas, expondo a precariedade em que elas se encontram, mostrando a fome, miséria, violência doméstica, exclusão, preconceito e tantos outros problemas enfrentados diariamente. Os temas dos assuntos que ela aborda em sua obra, parece que apenas ganharam novas formas e rosto,

mas que continuam muito atuais, principalmente para as classes menos favorecidas que não são ouvidas e nem tem como recorrer, como ela traz em um certo trecho de sua obra:

Fui na delegacia e falei com o tenente. Que homem amavel! Se eu soubesse que ele era tão amavel, eu teria ido na delegacia na primeira intimação. (...) O tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil a patria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatorio e envia para os politicos? O senhor Janio Quadros, o Kubstchek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades. (Jesus, 2014, p.29)

Como bem colocado por Carolina, ela observa e relata entendendo que não tem voz, por sua condição de vida, por ser pobre e residir na favela não será ouvida e nem atendida. Mostrando o sentimento de revolta com o poder público em relação a situação vivida por muitos brasileiros, que também passam pelas mesmas situações. Ela fala isso para alguém que tem poder e autoridade como o “tenente”, ele sabendo das coisas que acontecem naquele lugar, reconhece que a favela é um espaço de risco social, mas não age para transformar aquela realidade, se mantém calado em relação ao que ver. Vemos uma crítica ao governo e políticos na qual o sistema reconhece o problema, mas se omite na solução dos problemas sociais.

Essa denúncia na qual Carolina faz está ligada com os dias atuais, pois ainda hoje moradores de comunidades periféricas sofrem com o abandono do Estado e a violência da escassez de recursos. Essa escassez desencadeia uma série de problemas para a população menos favorecida que ficam a margem e não são ouvidas. A prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, em 2021 lançou um programa chamado “Favela com Dignidade” na qual visava dar visibilidade e fazer com que as políticas públicas chegassem até as favelas. O prefeito Eduardo Paes, ao anunciar o programa, declarou:

É obrigação de todas as secretarias olharem para as favelas. Quem mais precisa dos governos são os mais pobres. Sei que as coisas ainda não estão boas, mas vão melhorar. A Secretaria de Ação Comunitária tem por função lembrar todos os órgãos municipais, permanentemente, que os serviços prestados no asfalto também têm que ser prestados nas favelas, com a mesma qualidade e, em alguns casos, até com mais intensidade, dada a maior necessidade dessas áreas. (Prefeitura da cidade do Rio De Janeiro, 2021)

Com a fala do prefeito Eduardo Paes, percebe-se que ele se mostra preocupado em fazer com que os direitos garantidos pela Constituição, como saúde, educação, moradia digna e saneamento básico cheguem a todos os cidadãos, especialmente os que residem nas favelas que ao decorrer da história foram deixadas as margens. Essas ações precisam ser tomadas por mais governantes e precisam também sair do papel, precisam ter efeitos a essa população que são representadas por Carolina em sua obra que a muito tempo se tornaram invisíveis. Esse sentimento de invisibilidade social ainda é vivido por milhões de brasileiros que moram nas

periferias urbanas. Portanto, embora ações como o programa Favela com Dignidade representem avanços, o processo de garantir dignidade às populações marginalizadas ainda está em construção.

Por esses motivos, a obra de Carolina Maria de Jesus continua sendo muito atual e necessária, tanto como literatura quanto como ferramenta de crítica e transformação social. Já no tempo em que Carolina escrevia os seus relatos nos anos de 1950, ela relatava essa divisão desses dois mundos, enquanto áreas da cidade eram modernizadas, a favela permanecia esquecida. O como eles sofriam por falta de recursos básicos que não chegavam até eles pois enquanto as cidades recebiam infraestrutura e investimentos, as comunidades periféricas sofriam com a ausência desses serviços e essa realidade ainda se estendeu por muito tempo.

Carolina Maria de Jesus traz, em sua obra, outro tema social que é muito importante e recorrente nos dias atuais: a maternidade solo. Ao decorrer de sua obra, a autora narra o seu cotidiano exaustivo como mulher e mãe que luta sozinha e sem apoio para sustentar seus filhos, o que se torna ainda mais difícil a sua condição de lutar pela sobrevivência e dignidade. Carolina vive sozinha com os filhos, enfrentando a dura realidade de criar três filhos em meio à miséria e descaso em um ambiente relegado a sociedade. As vezes por não ter com quem deixar, chega a levar eles para catar papel nas ruas, principalmente sua filha mais nova Vera Eunice, pois não tem um apoio familiar e muito menos recebe ajuda do pai das crianças, em um dos trechos do seu diário ela descreve como é a sensação de viver assim:

Que suplicio catar papel atualmente! Tenho que levar a minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos, e não gosta de ficar em casa. Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o peso do saco na cabeça e suporto o peso da Vera Eunice nos braços. Tem hora que revolto-me. Depois domino-me. Ela não tem culpa de estar no mundo. Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar. (Jesus, 2014, p.22)

Essa realidade apresentada por Carolina é um reflexo do que ainda vemos muito na nossa realidade dos dias atuais. O abandono social enfrentado por muitas mulheres brasileiras que vivem a mesma história que, embora escrita na década de 1950, continua sendo vivenciada por outras mulheres, especialmente negras e de classe menos favorecidas. Ao narrar os fatos reais de sua vida, Carolina dá legitimidade a sua escrita, traz consigo o pacto autobiográfico apresentado por Lejeune (2008), firmando um pacto de verdade com o leitor e com a sua história, apresentando não apenas a sua experiência pessoal, mas de um grupo de mulheres e mães solas.

Carolina vive a condição de mãe solo, mas reconhece, em algumas situações, que estaria melhor sozinha, mesmo com todas as dificuldades e o preconceito social que ela enfrentava, do

que estaria se estivesse casada em um casamento marcado por violência, submissão ou dependência. Essas são as percepções que ela vê e descreve nos seus relatos e faz a comparação da sua vida de mulher solteira e as situações de outras mulheres casadas na favela, que apesar de ter seus maridos vivem uma condição bem ruim, porque além de enfrentar a vida difícil do dia a dia ainda enfrentam condições de viver com agressões vindas dos seus esposos na qual são agressivos e alcoólatras.

As mulheres saíram, deixou-me em paz por hoje. Elas já deram o espetáculo. A minha porta atualmente é teatro. Todas crianças jogam pedras, mas os meus filhos são os bodes expiatorios. Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade. Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis. (Jesus, 2014, p.10)

Ao observar essas cenas que ela presenciava quase todas as noites na favela, Carolina Maria de Jesus faz uma crítica a romantização do casamento tradicional. Para ela, era melhor estar sozinha do que se impor a viver naquelas situações com seus filhos com base em seus relacionamentos antigos, como ela descreve. Apesar de ser muito difícil para ela, conciliar tudo, ser mãe e trabalhar ao mesmo tempo para colocar comida no prato dos filhos, a ausência de um homem em sua vida não representa uma falha ou uma carência, mas sim uma forma de autonomia, de não aceitar viver condições de humilhações e agressões, por isso, prefere lutar todos os dias para se manter.

Mesmo vivendo com poucos recursos financeiros e em meio a péssimas qualidades de vida por conta da pobreza extrema, Carolina tenta preservar a dignidade dos seus filhos, sempre buscando meios de conseguir sustentá-los e colocar comida na mesa. Mostrando que mesmo sem um marido em casa, ela não desanima e nem se deixa levar pelos dias difíceis que vive. Em seu diário, ela registra esse sentimento de responsabilidade e orgulho por exercer esse papel de mãe e provedora do lar, sem tentar se encaixar em um sistema imposto pela sociedade patriarcal de se ter um marido:

Preparei a refeição matinal. Cada filho prefere uma coisa. A Vera, mingau de farinha de trigo torrada. O João José, café puro. O José Carlos, leite branco. E eu, mingau de aveia. Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna. Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. E só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela. (Jesus, 2014, p.21)

Vemos o quanto Carolina Maria de Jesus é uma mulher à frente do seu tempo, como sua vida e narrativa trata também dessas questões sociais, denunciando não só as péssimas condições de vida, mas também reivindica os seus direitos enquanto mulher e mãe em uma sociedade marcada pela desigualdade, pelo machismo e pelo racismo estrutural. Carolina traz em sua trajetória de vida a realidade de outras mulheres que também se encontram sozinhas na sociedade com a responsabilidade de criar seus filhos sem apoio dos pais das crianças e até mesmo sem o apoio da sociedade, que na maioria das vezes a crítica.

A obra *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, torna-se assim um grande testemunho da vida das pessoas menos favorecidas, abrindo espaço a essas vozes que não eram ouvidas e foram historicamente silenciadas. Carolina deixa sua obra ainda mais atual por descrever fatos do seu cotidiano escritos nos anos de 1950, que continuam a acontecer. Seus problemas relatados como a fome, a exclusão e o abandono pelo poder público, ainda se tornam visíveis na nossa sociedade, tornando sua obra essencial para discutir sobre as problemáticas sociais e a urgência para transformar essa realidade que ainda afetam muitos brasileiros que se encontram à margem da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa partiu do objetivo de compreender a representação da pobreza e da exclusão social a partir da obra *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. E isso, porque a sua obra é um verdadeiro testemunho vivo que transcende gerações, na qual apresenta muitos contextos sociais que, mesmo sendo escritos há muito tempo atrás na década de 1950, fazem-se presentes nos dias atuais com seus relatos profundos e impactantes. E então, como não nos questionarmos quanto a isso?

É perceptível nos dias atuais as desigualdades, o racismo estrutural, a ausência de políticas públicas e a invisibilidade de sujeitos periféricos que permanecem como marcas profundas na realidade brasileira, que não começou de agora.

E ao longo da análise, foi possível perceber que Carolina, ela transforma a sua vivência pessoal em uma poderosa denúncia, na qual a sua escrita, mesmo sendo de forma simples, mas é muito direta em suas palavras, e assim revela a sinceridade das dores de uma vida marcada pela fome, essa que se torna sua pior inimiga. Vivia uma vida de lutas, e não somente lutava contra a fome, mas também com a falta de moradia digna, a ausência de políticas públicas, o preconceito racial e a invisibilidade das mulheres negras e periféricas. Sua trajetória é contada com a força de quem resistiu dia após dia e representa também, a história de muitos outros que foram e ainda são silenciados pela desigualdade.

Por ser um relato autobiográfico, relatos da sua vida, sendo um testemunho de tudo aquilo que passou para até então ser reconhecida, mostra a grandeza da sua obra literária, mas que veio acompanhada de muita luta e sofrimento, porque sempre é mais difícil tornar conhecido aquilo que nasce das margens, da exclusão, do que não é considerado parte da “literatura tradicional” dominante e principalmente vindo de uma mulher preta, como Carolina. E foi a partir dessa existência narrada, dessa vivência exposta sem romantização, que ela conquistou, mesmo diante de tantas barreiras, o reconhecimento que por tanto tempo lhe foi negado por uma sociedade que excluía os marginalizados.

A cada página lida da obra, é impossível não se emocionar com os relatos de Carolina e de sentir empatia pela sua dor e de tantos outros, que se encontravam como ela. Mesmo diante de tanto sofrimento, sua vida nos ensina sobre coragem, sobre esperança e, acima de tudo, sobre humanidade. Carolina Maria de Jesus representa a figura de uma mulher forte, corajosa, inspiradora e determinada, sua obra é cheia de denúncias sociais, na qual essa pesquisa aborda apenas uma parte delas, mas que há muito a ser estudado e analisado na sua escrita e sua vida.

Assim, a análise dessa pesquisa, demonstrou que a pobreza e a exclusão social retratadas por Carolina não são meramente circunstanciais, mas resultado de um sistema que historicamente marginalizou certos grupos, especialmente os negros, pobres, as mulheres e os moradores das periferias e ela traz a visão de quem viveu do outro lado, traz a representação do negro marginalizado para a literatura brasileira, que até então era contada por brancos das grandes cidades. Dessa forma, sua obra nos convida a olhar com mais atenção para essas estruturas sociais que se repetem, se renovam e continuam impactando a vida de milhares de pessoas até hoje.

Além disso, a pesquisa destacou o papel da literatura marginal como ferramenta de transformação social. Carolina rompeu com os cânones literários tradicionais, ocupando um espaço dominado por vozes brancas e privilegiadas, e mostrou que a arte pode ser um veículo de emancipação e conscientização. Sua obra desafia o leitor a refletir sobre seu lugar no mundo e a responsabilidade coletiva diante das desigualdades.

Assim, esta pesquisa reforça a atualidade de *Quarto de Despejo*, que, mesmo décadas após sua publicação, continua a inspirar debates sobre justiça social, direitos humanos e representatividade. Carolina Maria de Jesus trouxe ao mundo não apenas um diário, mas um testemunho histórico que exige ação e empatia. Que sua voz ecoe como um chamado, para que a sociedade enxergue, ouça e valorize aqueles que, ainda hoje, são tratados como "objetos fora de uso" no quarto de despejo da história. Sua luta permanece viva, e sua obra é um convite irrecusável à reflexão e à mudança.

Por fim, esse estudo abre caminhos para futuras pesquisas que explorem mais a conexão entre literatura e marginalização social, sendo importante também dar atenção a outras autoras negras e periféricas, que, assim como Carolina, usam a escrita como uma forma de resistência e luta. Ainda há muito o que ser dito, descoberto e valorizado quando pensamos nas vozes que, por tanto tempo, ficaram à margem, porque toda história importa, e a de Carolina, especialmente, jamais deve ser esquecida.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Vozes, 2001.

ANDRADE, Letícia Pereira de. **O diário como utopia: Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus**. Tese (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- UFMS, 2008.

CASTRO, Susana. **O compromisso feminista com a luta decolonial antirracista**. Êxtase: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia, v. 2, pág. 63-71, 2019. DOI: 10.12957/ek.2019.48700.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 31, p. 87-110, jan.-jun. 2008.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte / Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DE CASTRO, Susana. **O compromisso feminista com a luta decolonial antirracista**. Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 63–71, 2020. DOI: 10.12957/ek.2019.48700. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/Ekstasis/article/view/48700>. Acesso em: 1 jul. 2025.

EBLE, Taís Aline; LAMAR, Adolfo Ramos. **A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica**. Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas, v. 16, n. 27, p. 193-212, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/1126/1005>. Acesso em: 16 fev. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. Atlas, São Paulo, 2002.
GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio Janeiro: Zahar. 375 pp. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Traduzido do francês por Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Trad. de Patriota, Rainer. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Ilustração Vinicius Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. 200 p. ISBN 978-85-08-17127-9.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LEJEUNE, Philippe. **A autobiografia e as novas tecnologias de comunicação**. Conferência. Juiz de Fora: Darandina Revista eletrônica – Programa de Pós-Graduação em Letras/ UFJF, v. 6, nº 1, 2013.

LEMOS, Alessandra Maia de. **Discussões teórico-críticas sobre representação das margens em contos latino-americanos contemporâneos**. Aletria, Belo Horizonte, v. 29, n. 3, p. 169-188, 2019. DOI: 10.17851/2317-2096.29.3.169-188. Disponível em: <https://www.academia.edu>. Acesso em: 12 fev. 2025.

MACIEL PEREIRA, Gerciano. **O pacto autobiográfico: ou aproximar a leitura literária da vida**. SAPIENS - Revista de divulgação Científica, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 101–115, 2022. DOI: 10.36704/sapiens.v4i1.6820. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sps/article/view/6820>. Acesso em: 4 abr. 2025

PEREIRA, Gerciano Maciel. **O pacto autobiográfico: ou aproximar a leitura literária da vida**. Sapiens, v. 4, n. 2, p. 101-115, jan./jun. 2022. ISSN 2596-156X. DOI: <https://doi.org/10.36704/sapiens.v4i1.6820>. Acesso em: 18 mar. 2025.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Prefeitura do Rio lança programa Favela com Dignidade**. Disponível em: <https://prefeitura.rio/acao-comunitaria/prefeitura-do-rio-lanca-programa-favela-com-dignidade/>. Acesso em: 25 maio 2025.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução de Sergio Molina. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SHOWALTER, Elaine. **A crítica feminista no território selvagem**. In: Tendências e Impasses. p. 23-56, 1994.